



LSPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

***IT TAKES A VILLAGE: PRÁTICAS
PARENTAIS, SUPORTE SOCIAL E
UMA PANDEMIA MUNDIAL***

TATIANA ESPERANÇO

Orientadora de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MARIA MANUELA VERÍSSIMO

Coordenadora de Seminário de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MARIA MANUELA VERÍSSIMO

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2021

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Manuela Veríssimo, apresentada no ISPA-Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES nº 19673/2006 publicado em Diário da República 2ª série de 26 de setembro de 2006

Agradecimentos

O facto de finalizar a presente dissertação é o concretizar de um sonho, mas é também o símbolo do começo de outro: Psicologia Clínica. Tal como todo o percurso até aqui, a realização desta tese foi repleta de emoções, ansiedades e desafios. Devido ao contexto pandémico, foi um ano com ainda mais desafios e incertezas. Mas tal como o tema desta tese indica, o sucesso e a força estão na união, na interdependência e na relação entre as pessoas. Este tema é para mim muito querido e o percurso da concretização desta dissertação acaba por o refletir.

Deste modo, quero agradecer à Professora Manuela Veríssimo, que não foi apenas uma excelente professora e orientadora deste projeto, mas foi também, em todo o percurso, uma fonte de apoio perante todas as incertezas, angústias e dificuldades. Muito obrigada pelo seu carinho, pela sua generosidade e pela sua constante presença em todo o caminho. Foi um prazer trabalhar consigo.

Quero agradecer aos meus pais pela sua incondicional presença, apoio e carinho. São as pessoas mais importantes na minha vida e a quem devo tanto do que sou. Agradeço também aos meus avós, que serão sempre os meus guias e figuras de suporte constantes, no meu pensamento e no meu coração. Obrigada aos meus amigos que, apesar da pandemia, sempre estiveram presentes. Incluo nestes amigos as minhas queridas colegas de seminário de dissertação, com quem partilhei tantos desabafos e todas as peripécias deste caminho. Quero agradecer também à Dr. Diana, que marcou tanto a minha vida e o meu percurso. Por fim, agradeço ao meu querido Pedro, pela sua presença incondicional, pelo seu apoio, pela sua calma e pelo seu carinho.

Resumo

As práticas parentais são um conceito determinante para o desenvolvimento do ser humano, que nasce absolutamente dependente do meio e das pessoas que o rodeiam. Existem vários fatores que têm impacto nas práticas parentais, tanto do foro intrapessoal dos próprios pais, como do foro extrafamiliar e contextual. Deste modo, surge um conceito relevante para as práticas parentais que apresenta ainda alguma escassez de investigação no âmbito do desenvolvimento infantil: o suporte social percebido. Com um contexto mundial pandémico pela COVID-19, que obriga ao isolamento, distanciamento social e quarentena, a investigação sobre estes dois conceitos torna-se ainda mais relevante e levanta-se a questão da eventual relação que a pandemia terá para com os mesmos.

Este estudo tem como objetivos avaliar a relação entre as práticas parentais e o suporte social percebido e avaliar a relação das dificuldades experienciadas no primeiro confinamento por COVID-19 com as práticas parentais, bem como com o suporte social percebido. A amostra foi constituída por 151 mães de crianças entre os 3 e os 7 anos. Os instrumentos utilizados foram o Questionário de dados sociodemográficos, o *Modified Child Rearing Practices Report Questionnaire* (CRPR-Q), o *Personal Resource Questionnaire – Parte 2* (PRQ-Parte 2), o *The Coronavirus Health Impact Survey Parent/Caregiver Short Form* e o *The Coronavirus Health Impact Survey Adult Short Form*.

Os resultados revelaram que as práticas parentais apresentam uma relação com o suporte social percebido, mas apenas na dimensão «afetuosidade». Relativamente à experiência inerente à pandemia COVID-19 no primeiro confinamento, verificam-se relações significativas tanto com as práticas parentais, como com o suporte social percebido. Deste modo, observam-se resultados pertinentes no âmbito das práticas parentais, levantando-se fatores que se encontram relacionados com as mesmas, tal como o suporte social percebido e a vivência pandémica que, ao influenciarem as práticas parentais, influenciam também o desenvolvimento infantil. Devido à escassez de estudos acerca destes conceitos em Portugal, é importante a replicação do presente estudo com amostras mais heterogéneas e de maiores dimensões.

Palavras-chave: Práticas parentais; Afetuosidade; Restritividade; Suporte social percebido; COVID-19; Confinamento; Crianças.

Abstract

Childrearing practices are a determinant concept for the development of human beings, which are born absolutely dependent of the environment as well as of the people who care for them. There are a wide range of factors that cause an impact on the childrearing practices, both in an intrapersonal level of the parents themselves and in an extrapersonal and contextual level. In this line of thought emerges a pertinent concept for the childrearing practices, that still lacks studies on the field of child development: perceived social support. With a worldwide pandemic caused by COVID-19, that requires isolation, social distance and quarantine, the research on both these concepts becomes even more relevant, leaving us with the question about the eventual relationship between the pandemic contingencies and both childrearing practices and perceived social support.

The present study aims to evaluate the relationship between childrearing practices and perceived social support, as well as to evaluate the relationship between childrearing practices and the difficulties experienced during the first quarantine due to COVID-19, and also between the latter and the perceived social support. The sample of this study consisted of 151 mothers of children between 3 and 7 years old. The instruments used were the Questionário de dados sociodemográficos, the Modified Child Rearing Practices Report Questionnaire (CRPR-Q), the Personal Resource Questionnaire – Part 2 (PRQ-Part 2), the Coronavirus Health Impact Survey Parent/Caregiver Short Form and the Coronavirus Health Impact Survey Adult Short Form.

The results showed that childrearing practices are associated with perceived social support, but only on the «nurturance» dimension. Regarding the experience lived during the first quarantine due to COVID-19, there are significant relationships established with both childrearing practices and perceived social support. Thus, the present results are pertinent on the field of childrearing practices, and factors connected with them arise, such as the perceived social support and the pandemic experiences, which, by affecting childrearing practices, also affect child development. Due to the lack of studies on these subjects in Portugal, it is important to reproduce the present study with larger and more diverse samples.

Key-words: Childrearing practices; Nurturance; Restrictiveness; Perceived social support; COVID-19; Quarantine; Children.

Índice

Revisão de Literatura.....	1
Práticas Parentais	1
Importância das práticas parentais para o desenvolvimento da criança.....	1
Atitudes parentais	2
Estilos e Práticas parentais	4
Influências sobre as Práticas Parentais	11
Rede de Suporte Social	17
Definição	17
Suporte Social como Positivo ou Negativo.....	19
Tipos de Suporte Social.....	20
Acesso ao Suporte Social	20
Suporte Social e Práticas Parentais	24
Covid-19	27
Problemática.....	31
Problemática e Objetivos de Investigação	31
Hipóteses.....	33
Metodologia.....	34
Participantes.....	34
Instrumentos.....	34
Procedimento	36
Resultados.....	37
Medidas Descritivas das Dimensões em Estudo.....	37
Associações entre os Dados Sociodemográficos e as Práticas Parentais.....	38
Associações entre os Dados Sociodemográficos e o Suporte Social Percebido	39

Práticas Parentais e o Suporte Social Percebido	39
Práticas Parentais e o COVID-19	39
Suporte Social Percebido e o COVID-19	40
Discussão	42
Compreensão dos resultados na análise das medidas descritivas	42
Dados sociodemográficos e práticas parentais	42
Dados sociodemográficos e suporte social percebido	43
Práticas parentais e suporte social percebido	43
Práticas parentais e COVID-19	44
Suporte social percebido e COVID-19	45
Limitações	46
Sugestões para investigação futura	46
Considerações finais	47
Referências bibliográficas	48

Lista de Tabelas

Tabela 1: Padrões de comportamento parental de acordo com Baumrind (1971).....	6
Tabela 2: Medidas descritivas das práticas parentais.....	37
Tabela 3: Medidas descritivas do suporte social percebido.....	38
Tabela 4: Correlações estatísticas entre as medidas COVID-19, afetuosidade, restritividade e suporte social percebido.....	41

Lista de Figuras

Figura 1: Relação entre as práticas e atitudes parentais.....	4
Figura 2: Modelo Circumplexo Hipotético acerca dos conceitos de comportamento materno baseado em Schaefer (1959).....	8
Figura 3: Modelo Contextual dos estilos parentais de acordo com o Modelo Integrativo de Darling e Steinberg (1993).....	10
Figura 4: Fatores pessoais que afetam a construção da rede social de acordo com Cochran (1990).....	14
Figura 5: Fatores contextuais que influenciam o acesso à rede de suporte de acordo com Cochran (1990).....	22
Figura 6: Modelo de desenvolvimento da rede social pessoal de acordo com Cochran (1991).....	23
Figura 7: Diferenças em função do sexo na dimensão Afetuosidade.....	37

“A perspectiva do apego talvez tenha sido origem de uma quarta ferida: a descoberta do modo como, ao nível mais fundamental, a individualidade que nos é tão cara emerge das nossas relações com os outros. Mas, perante cada um destes casos, o narcisismo transformado permite-nos aceder a uma perspectiva também ela transformada: vemos a beleza e a simplicidade do Universo; compreendemos como, longe de excluídos do seu mundo, fazemos parte da Natureza que nos rodeia; descobrimos que somos, todos nós, psicologicamente da mesma massa, e que, em vez de existirmos isolados, cada um no seu si-próprio, existimos inevitavelmente ligados uns aos outros.”

(Holmes, 2002).

Revisão de Literatura

O ser humano nasce com uma imaturidade notável comparativamente às restantes espécies em todo o mundo. As dimensões cerebrais e capacidades cognitivas têm um grande potencial de desenvolvimento, todavia trata-se de um processo de maturação longo e duradouro, que requer um investimento por parte dos pais ou cuidadores muito mais extenso do que em qualquer outra espécie. Esta ideia evolucionista leva-nos a dois conceitos muito importantes: a família, que apesar de, na espécie humana, tomar distintas e diversas formas, trata-se de algo universal e necessário ao sucesso do desenvolvimento e sobrevivência da criança, e a forma como se pratica a parentalidade, que determina em tantas formas o desenvolvimento dos membros da nossa espécie. Por fim, temos o culminar de uma espécie de elevada complexidade social (Bjorklund, Yunger & Pellegrini, 2002).

Práticas Parentais

Importância das práticas parentais para o desenvolvimento da criança

Numa revisão de artigos acerca da influência da parentalidade no desenvolvimento cerebral da criança, Belsky e Haan (2011) concluem que existe evidência de que o cérebro é modelado pelos pais. A exposição a maus tratos físicos, emocionais ou sexuais, assim como negligência ou privação de cuidados parentais influenciam a estrutura cerebral da criança. Os maus-tratos, particularmente físicos, associam-se ao aumento do processamento neuronal de estímulos relacionados com a raiva ou ameaça.

Belsy e Pluess (2009) procuraram perceber a interação entre as componentes biológica e contextual no desenvolvimento infantil. Para este fim, realizaram uma revisão de literatura onde concluíram que as crianças variam na sua suscetibilidade para as influências do meio envolvente, inclusivamente a parentalidade que se lhes apresentou. Nesta medida, a base genética leva a que a haja uma maior ou menor suscetibilidade da criança às influências do meio, tanto negativas como positivas. Byrd e Manuck (2014) exemplificam esta ideia num artigo acerca do gene MAOA, que modera o efeito entre os maus-tratos na infância e o fenótipo de comportamentos antissociais. Isto é, a adversidade precoce na infância pressagia resultados anti-sociais mais fortemente para o genótipo MAOA de baixa atividade, comparativamente a

genótipos MAOA de alta atividade. No entanto, Belsky e Pluess (2009) alertam para que existe um lado negativo, mas também positivo desta equação desenvolvimental humana entre a genética e o contexto. Esta plasticidade no desenvolvimento humano implica um lado negativo, em que a criança poderá ser mais suscetível a influências negativas do seu meio e desenvolver neste sentido consequências desenvolvimentais negativas, mas também trás consigo um lado positivo para a ciência, na medida em que se houver um trabalho com as famílias, as práticas parentais, que se verificam aqui como determinantes na manifestação concreta de predisposições genéticas, podem minimizar estas suscetibilidades.

Atitudes parentais

Segundo Hawkes, Burchinal e Gardner (1957), as atitudes parentais foram aceites como fator da maior importância para o desenvolvimento infantil. Eagly (1992) define as atitudes como um estado interno que influencia a forma como o indivíduo reage relativamente a algo. Estas representam um construto hipotético de uma tendência, de um estado interno ou de avaliações explícitas. Holden e Buck (2002) acrescentam que as atitudes parentais são assentes em crenças, conhecimento ou ideias, que vão para além destes conceitos através da avaliação destes, tratando-se de avaliações afetivas baseadas na compreensão da criança, da parentalidade e do mundo. Assim, as atitudes parentais representam opiniões acerca da educação infantil.

De acordo com Holden e Buck (2002) as atitudes parentais são as antecessoras, tanto das práticas parentais, como do desenvolvimento da criança. Isto implica que, compreendendo as atitudes parentais em causa, se iria também compreender as práticas parentais e o desenvolvimento infantil. Deste modo, podemos compreender que se trata de um conceito unidirecional e de relação determinística. Por outro lado, esta ideia unidirecional não é absolutamente aceite, deixando em aberto a hipótese de que as atitudes parentais consistem, na verdade, numa espécie de filtro que afetará indiretamente as práticas parentais.

Horney (1933) explica que a proveniência das atitudes parentais tem, na verdade, origem nas reações emocionais inconscientes aos próprios progenitores quando estes eram crianças. Levy (1943) segue a mesma lógica, afirmando que as atitudes experienciadas enquanto criança pelos pais afetam a personalidade da mesma, a qual quando for também ela progenitora, irá dar seguimento às mesmas linhas de atitudes parentais, por incapacidade de providenciar de forma diferente do que recebeu. Levy exemplifica com o caso hipotético de uma criança que cresce com uma mãe hostil e indiferente, esta irá consequentemente ter um

olhar sobre o mundo afetado, bem como a forma como se relaciona será influenciada pelas atitudes parentais desta mãe. De uma outra forma, se alguma necessidade emocional não foi atendida durante o desenvolvimento da criança, essa mesma “falha” terá repercussões nas atitudes parentais quando a criança passa a progenitor.

Segundo Pearson (1931) as atitudes parentais são mais impactantes para o desenvolvimento da criança do que as práticas parentais. Tal acontece porque a criança é exposta às atitudes desde que nasce, de forma contínua e considerando que as mesmas são relativamente constantes e imutáveis.

Holden e Buck (2002) denotam que a variedade de atitudes parentais é muito ampla, referindo vários exemplos, tais como: aceitação, afeto, agressão, ansiedade, autoridade, autoritarismo, flexibilidade, frustração, proteção, possessividade, rejeição, argumentação, punição física, comunicação, controle, disciplina, dominância, diretividade, perfeccionismo, permissividade, sobreproteção, rigidez, afetuosidade e restritividade.

Os autores denotam que as atitudes parentais podem ser divididas em três categorias:

1. Atitudes em que o foco se encontra nas características dos pais ou na orientação relativamente aos seus filhos (tais como aceitação, rejeição, *coping*).
2. Atitudes em que o foco se encontra na percepção da criança ou no seu desenvolvimento (tais como sucesso, obediência, relações de fratria).
3. Atitudes em que o foco se encontra relacionado com a perspectiva dos pais acerca das influências do contexto no desenvolvimento da criança (tais como orientação profissional, importância do pai, conflito conjugal).

Segundo Holden e Buck (2002), as atitudes parentais são multideterminadas, mas tendo em conta a sua influência nas práticas parentais e, conseqüentemente no desenvolvimento da criança, serão imutáveis? Harrison (1997) conduziu um programa de educação parental com pais em contexto prisional, com a duração de 6 semanas, tendo alcançado mudanças positivas nas atitudes parentais. No mesmo sentido, Cudaback, Dickinson e Wiggins (1990) concretizaram um programa de educação parental através de pequenos livros, em 10 estados distintos, tendo verificado como resultados alterações positivas nos progenitores, tanto a nível de atitudes parentais, como em práticas parentais.

Isto leva-nos a pensar na questão referida já anteriormente, acerca da relação, bem como do sentido da mesma, entre as atitudes e as práticas parentais. Darling e Steinberg (1993)

elucidam-nos acerca deste tema, afirmando que as práticas parentais são determinadas pelas atitudes, mas que as atitudes são expressas através das práticas. Tal é ilustrado na figura 1.

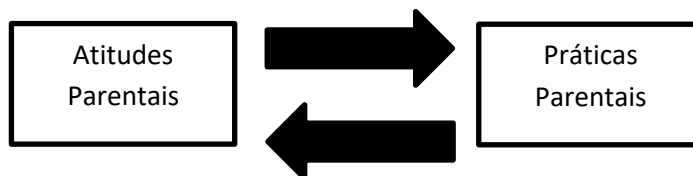


Figura 1. Relação entre as práticas e atitudes parentais

Como contraponto, Holden e Buck (2002) afirmam que atitudes não determinam o comportamento em absoluto, uma vez que este é multideterminado. Assim, os autores apontam antes para uma questão de influência nas práticas parentais e não na determinação das mesmas.

Estilos e Práticas parentais

Baldwin, Kalthorn e Breese (1945) procuraram perceber a estrutura fundamental das práticas parentais. Com esse intuito em mente, concretizaram uma análise de síndrome de escalas de comportamentos parentais, chegando a três síndromes fundamentais:

1. *Democracia*, que se caracteriza por justificação e democracia de decisões, sugestões não-manipulativas, providenciamento de explicações, direção de criticismo, clareza das decisões, compreensão da criança e regras não-restritivas;

2. *Indulgência*, que se caracteriza por proteção generalizada, infantilização generalizada, contração regular na criança, aceitação da mesma, solicitude pelo bem-estar, maior duração de contacto com a mãe e intensidade do mesmo.

3. *Aceitação*, que se caracteriza por aceitar a criança, prontidão nas explicações à mesma, afetuosidade, criticismo direcionado para a aprovação, eficácia das normas estabelecidas, contração regular na criança e atrito não-disciplinar.

Estas síndromes por sua vez interagem entre si de várias formas distintas, culminando em diferentes tipos de progenitores. Desta forma, os autores chegaram a sete tipos de pais:

1. *Rejeitante Indiferente*, que se caracteriza pela indiferença, inércia e uma despreocupação generalizada quanto ao bem-estar da criança.

2. *Rejeitante Ativo*, que se caracteriza pela postura de dominância ativa e intensa hostilidade para com a criança.

3. *Casual Autocrático*, em que existe uma postura intermediária entre o estabelecimento de regras e a procura em compreender os pontos de vista das crianças.

4. *Casual Indulgente*, em que existe uma postura muito flexibilizada quanto a regras, uma maior centração na criança e infantilização da mesma.

5. *Aceitante Indulgente*, caracteriza-se por uma postura de maior proteção, centração na criança, ansiedade parental e afetuosidade (todavia esta afetuosidade não é acompanhada pela compreensão da criança), explicação das decisões ou regras à criança, tendência para a aprovação e não para a desaprovação e infantilização da criança.

6. *Democrático*, que se caracteriza por providenciar à criança imensa liberdade, imenso poder de escolha, muita informação sobre as hipóteses de alternativas e consequências às suas escolhas, bem como pouca orientação concreta.

7. *Democrático Indulgente*, caracteriza-se por uma centração na criança, pela democracia, pela postura de proteção, de ansiedade e compreensão da criança. Estes pais mantêm alguma distância emocional para proporcionar alguma orientação à criança num sentido mais racional.

Todavia, apesar destes resultados, os autores chamam ainda à atenção para o facto destas 7 tipologias parentais apresentarem práticas semelhantes dentro de cada tipo grupal, ainda que subjacente a estas práticas parentais estejam diferentes motivações. Os autores concluem assim que um aprofundamento às atitudes parentais pode ser útil.

Baumrind (1967) distingue 3 padrões base das práticas parentais:

1. *Comportamento Parental Autoritativo*, em que existe uma tendência para a afetuosidade, racionalidade e recetividade para as comunicações da criança. De uma outra forma, este padrão de práticas parentais rege-se pela combinação de um elevado exercício de controlo, juntamente com o encorajamento positivo da independência e autonomia da criança.

Crianças que crescem no seio destas práticas parentais tendem a ser mais seguras de si, autorreguláveis, curiosas e exploradoras.

2. *Comportamento Parental Autoritário*, em que se verifica uma postura tendencialmente mais desligada, controladora e pouco afetuosa. No âmbito deste padrão de práticas parentais verifica-se que as crianças tendem a ser descontentes, retraídas e pouco confiáveis.

3. *Comportamento Parental Permissivo*, em que se verifica uma tendência para práticas parentais algo afetuosas, sem exercício de qualquer controlo na vida das crianças, bem como sem exigir ou esperar algo das mesmas. Estas crianças tendem a caracterizar-se como sendo autossuficientes, independentes, curiosas e autorreguláveis.

No aprofundamento do estudo supracitado, Baumrind (1971) encontra os seguintes padrões de Comportamento Parental:

Tabela 1.

Padrões de comportamento parental de acordo com Baumrind (1971)

Autoritário	Autoritário Não-rejeitante
	Autoritário Rejeitante-negligente
Autoritativo	Autoritativo (Conformista)
	Autoritativo Não-Conformista
Permissivo	Permissivo Não-Conformista (não é Permissivo nem Autoritativo)
	Permissivo (Conformista)
	Não-Conformista-Permissivo
Rejeitante-Negligente	Rejeitante-Negligente (Não Autoritário)
	Rejeitante-Negligente-Autoritário

A autora esclarece que o padrão de *Comportamento Parental Autoritativo* revela-se o melhor fomentador na criança de responsabilidade, autonomia e assertividade. Mais ainda, este padrão de práticas parentais encontra-se associado, no caso do sexo feminino, a comportamentos de independência e a elevado sucesso e, no caso do sexo masculino, verificam-

se comportamentos de independência (apenas no caso de Autoritativo Não-Conformista) e responsabilidade social.

Ao realizar a modificação do questionário acerca das práticas parentais, Rickel e Biasatti (1982) definiram dois fatores centrais para análise das mesmas: Restrição e Afetuosidade. Num estudo de Jones, Rickel e Smith (1980), que interliga estas duas dimensões das práticas parentais e as estratégias de resolução de problemas em idade pré-escolar, verificou-se que a restrição se encontra associada com o recurso à evasão e inversamente associada à capacidade de apelo e negociação. Já a afetuosidade foi associada com confiança na autoridade e maior sucesso educacional.

Barton, Dielman e Cattell (1986), realçam, relativamente às práticas parentais, como positivo o baixo uso de disciplina, o baixo recurso a castigos físicos e o recurso frequente da razão. Dielman e Cattell (1972) investigaram a associação entre determinadas práticas parentais e problemas comportamentais nas crianças, tendo sido verificado que: o baixo recurso à disciplina leva a comportamentos de hipertensão, tendências paranoides e comportamentos antissociais; a carência de atenção dada à criança, bem como os progenitores se autocaracterizarem como facilmente irritáveis pelas crianças, conduz a problemas de disciplina; o recurso excessivo à disciplina e a utilização excessiva do sistema de recompensas levam a birras e comportamentos disruptivos; o baixo envolvimento com a criança origina comportamentos de introversão ou isolamento social e problemas na comunicação; uma estrutura familiar patriarcal leva também a problemas comunicacionais; e ainda que, a autocaracterização por parte dos progenitores como facilmente irritáveis pelas crianças conduz a comportamentos mais lentificados nestas.

Alguns autores procuraram caracterizar os estilos parentais, chegando a conclusões idênticas. Symonds (1939) caracterizou os estilos parentais de acordo com duas dimensões polarizadas: aceitação-rejeição e dominância-submissão. Baldwin (1955) caracterizou-os também de acordo com duas dimensões polarizadas: calor emocional-hostilidade e desapego-envolvimento. Becker (1964) caracterizou-os igualmente de acordo com duas dimensões polarizadas: calor-hostilidade e restritividade-permissividade. Deste modo, podemos observar que os estilos parentais tendem a ser caracterizados historicamente da mesma forma, com a ideia de existirem duas dimensões polarizadas e, inclusive, apesar de nomeações distintas, terem conceitos idênticos. Schaefer (1959) apresentou o Modelo Circumplexo do

Comportamento Materno, onde procurou demonstrar a organização bidimensional das práticas par encontro de uma visão idêntica dos autores supracitados.

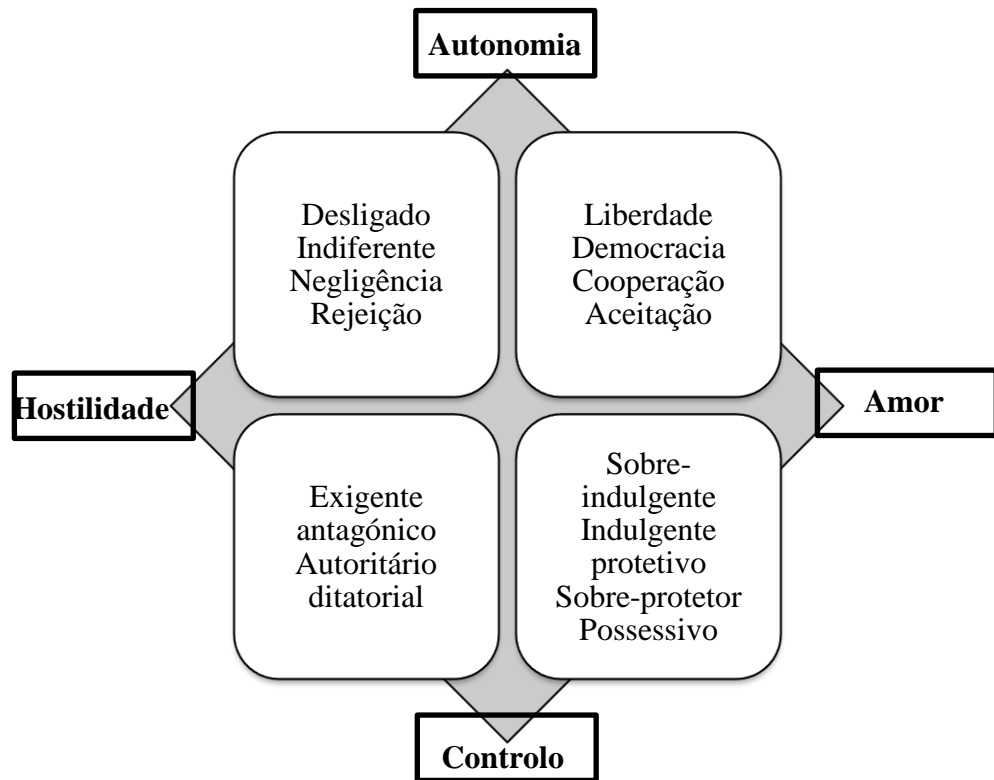


Figura 2. Modelo Circumplexo Hipotético acerca dos Conceitos de Comportamento Materno baseado em Schaefer (1959)

Schaefer (1959) chega ao modelo apresentado na figura 2, em que existem duas dimensões bipolares:

- Autonomia versus Controlo
- Amor versus Hostilidade

Nesta figura podemos ainda observar a organização das práticas parentais da seguinte forma:

- Práticas parentais democráticas e cooperativas encontram-se no quadrante que une as dimensões de Amor e Autonomia.
- Práticas parentais excessivamente indulgentes e sobre-protetoras encontram-se no quadrante que une as dimensões de Amor e Controlo.

- Práticas parentais autoritativas-ditatoriais e antagónico-exigentes encontram-se no quadrante que une as dimensões de Hostilidade e Controlo.
- Práticas parentais negligentes, rejeitantes e indiferentes encontram-se no quadrante que une as dimensões de Hostilidade e Autonomia.

A perspetiva mais aceite atualmente acerca desta temática é a do Modelo Integrativo de Darling e Steinberg (1993). De acordo com este modelo, os pais influenciam o desenvolvimento dos seus filhos através de dois tipos de atributos parentais: estilos parentais e práticas parentais, sendo que ambos estes atributos são influenciados primeiramente por objetivos que os mesmos possuem para a socialização dos seus filhos. Estes objetivos de socialização consistem na procura de que as crianças adquiram certas competências e comportamentos, bem como qualidades morais generalizadas (tais como curiosidade, pensamento crítico, independência, entre outros). Os autores consideram que, para compreender de que forma os pais influenciam o desenvolvimento dos seus filhos, é necessário ter presente a distinção clara entre estilos e práticas parentais.

Os estilos parentais constituem uma espécie de constelação através da qual as atitudes para com a criança são comunicadas, criando um certo clima emocional onde se desenrolarão comportamentos parentais. Dentro destes comportamentos, inserem-se as práticas parentais e outros aspetos inerentes às interações pais-criança, tais como o tom de voz, linguagem corporal, entre outros, que também comunicam uma atitude emocional, mas em que não existe um objetivo de socialização. Deste modo, os estilos parentais transmitem à criança as atitudes dos pais em relação à mesma e são parcialmente expressos através das práticas parentais.

Por sua vez, as práticas parentais consistem em comportamentos definidos por objetivos de socialização específicos que os pais possuem, tais como recorrer a punições físicas ou ajudar em tarefas escolares. Para melhor compreender a relação entre as práticas parentais e um determinado resultado em termos de desenvolvimento da criança, os autores consideram que as práticas parentais devem ser compreendidas dentro de um determinado domínio de socialização específico e circunscrito, tal como o sucesso académico, independência, entre outros.

Os autores relembram os padrões comportamentais parentais de Baumrind (1971) suprarreferidos, mais concretamente o padrão autoritativo e, a partir deste, exemplificam a distinção entre estilos e práticas parentais. Os pais autoritativos exercem este padrão

comportamental de forma independente do conteúdo de socialização na interação com a criança. No modelo integrativo de Darling e Steinberg, este padrão comportamental parental consiste no estilo parental, uma vez que é uma interação que ocorre em várias situações e domínios distintos, enquanto as práticas parentais são específicas de um determinado domínio ou conteúdo específico de socialização.

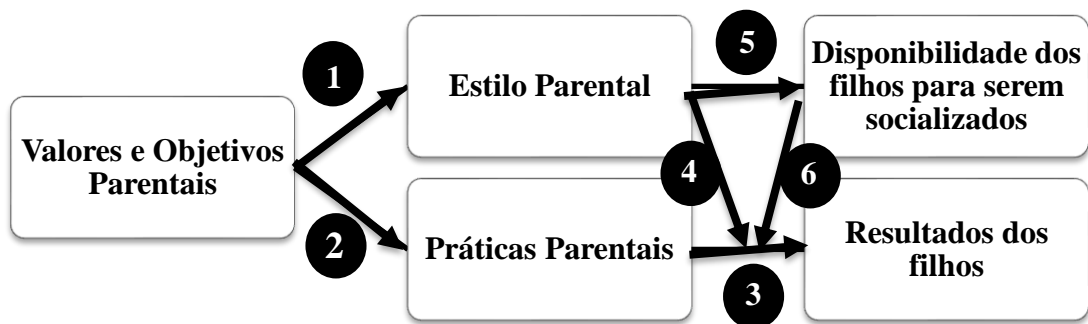


Figura 3. Modelo contextual dos estilos parentais de acordo com o Modelo Integrativo de Darling & Steinberg (1993)

Darling e Steinberg (1993) esclarecem o seu modelo a partir da figura 3. Como se pode observar nesta, as práticas e os estilos parentais resultam, em parte, dos objetivos e valores dos progenitores (setas 1 e 2). Por sua vez, ambos os atributos parentais (estilos e práticas) influenciam o desenvolvimento da criança mediante diferentes processos. As práticas parentais consistem em mecanismos através dos quais os pais ajudam a criança a atingir determinados objetivos de socialização, isto é, têm um efeito direto no desenvolvimento de comportamentos (tais como comportamentos de etiqueta ou desempenho académico) e características (tais como a autoestima e os valores) específicas na criança (seta 3). Já os estilos parentais afetam o desenvolvimento da criança de forma indireta, sendo que estes alteram a capacidade dos progenitores socializarem a criança, devido à alteração da eficácia das práticas parentais. Assim, os estilos parentais podem ser considerados como uma espécie de variável contextual que medeia a relação entre determinadas práticas parentais e resultados desenvolvimentais da criança específicos. Deste modo, os autores consideram que os estilos parentais medeiam a

influência das práticas parentais no desenvolvimento da criança através de dois processos: a transformação da natureza das interações pais-criança (mediando a influência de práticas parentais específicas no desenvolvimento da criança) (seta 4) e a influência sobre a personalidade da criança, nomeadamente da abertura da criança para a influência parental (seta 5). Por fim, esta abertura da criança para a socialização também medeia a associação entre as práticas parentais e o desenvolvimento da criança (seta 6).

Num estudo anterior, Steinberg, Lamborn, Dornbusch e Darling (1992) verificam que o envolvimento escolar por parte dos pais, como facilitador do sucesso académico, apresenta maior eficácia em pais autoritativos do que não-autoritativos. Deste modo, e relacionando a conclusão deste estudo com o modelo integrativo de Darling e Steinberg (1993), os estilos parentais influenciam a eficácia das práticas parentais (seta 4 da figura 3) e podem inclusive, de acordo com estes autores, influenciar a abertura da criança para a influência parental para a socialização (seta 5 da figura 3), por exemplo no caso de pais com um estilo autoritativo, estes fomentarem na criança o desejo de sucesso escolar, sabendo esta que os progenitores consideram este domínio específico importante e que, provavelmente, ficariam orgulhosos da mesma.

Influências sobre as Práticas Parentais

Darling e Steinberg (1993), ao elaborarem o Modelo Integrativo dos Estilos Parentais, concetualizam-no numa visão mais incisiva no contexto intrafamiliar, todavia admitem que os fatores extrafamiliares também terão um impacto importante a ter em conta. Os autores referem inclusive que, para investigações futuras, consideram importante perceber o impacto do contexto que envolve a família nas práticas parentais, bem como nos estilos. Deste modo, Darling e Steinberg chamam à atenção para a importância de investigação acerca das fontes de variabilidade socioculturais nas práticas e estilos parentais, deixando como nota a importância destes dois atributos parentais serem investigados de forma separada e distinta.

Bargh (1997) chama à atenção para o facto de nem todos os comportamentos serem influenciados da mesma forma, podendo estes serem conduzidos por processos afetivos, inconscientes, não-intencionais ou automáticos. De acordo com Belsky (1984), as práticas parentais são influenciadas por três domínios principais: primeiramente os recursos psicológicos dos pais, em segundo lugar as fontes contextuais (que podem providenciar tanto suporte como stress) e, por fim, as características da criança. Assim verifica-se que o

funcionamento parental é determinado de forma múltipla, em que o contexto induz um certo nível de stress, bem como proporciona um certo nível de suporte, que por sua vez irá influenciar as práticas parentais diretamente, ou indiretamente através da afetação do bem-estar psicológico dos pais.

Bronfenbrenner (2009) criou o Modelo Ecológico do Desenvolvimento humano, no qual confere a ideia de base de que o desenvolvimento humano ocorre no seio de um ambiente complexo e vibrante, que insere práticas sociais e culturais. Após algumas reformulações à sua proposta inicial do modelo, chegou ao Modelo Ecológico Generalizado. Neste, inserem-se duas proposições específicas e interdependentes:

Proposição 1: Particularmente no início de vida, e ao longo da mesma, o desenvolvimento humano decorre por Processos Proximais. Estes consistem nas várias interações que se dão entre um ser humano ativo e organismo biopsicológico ativo e as outras pessoas, objetos e símbolos, sendo que estas interações são de caráter prolongado, em largos períodos temporais, e consistentes.

Proposição 2: Identifica as três fontes destas forças dinâmicas. A força, forma, conteúdo e direção dos processos proximais que afetam o desenvolvimento humano variam de forma sistemática como uma função conjunta das:

1. Características do ser em desenvolvimento
2. Características do contexto (imediate e mais remoto) em que os processos têm lugar
3. A natureza dos resultados desenvolvimentais em consideração

Este modelo considera as influências do ambiente no desenvolvimento humano de acordo com estruturas, contidas entre si como as matrioskas (exemplo do próprio autor), em que o movimento de influência entre elas ocorre da estrutura mais interior para o exterior. As estruturas são as seguintes:

Microsistema

Consiste num padrão de atividades, papéis sociais e relações interpessoais experienciadas pela pessoa em desenvolvimento, numa interação face-a-face, com determinados traços físicos, sociais e simbólicos que promovem, permitem ou inibem o envolvimento com o ambiente. Inserem-se aqui os exemplos como a escola, a família, os grupos de pares e o local de trabalho.

Mesosistema

Consiste no sistema dos microsistemas. Isto é, inserem-se aqui os processos e ligações que tomam lugar em diferentes *settings* que contêm a pessoa em desenvolvimento (microsistemas), tais como as relações entre a escola e a família, a escola e o trabalho, entre outras.

Exossistema

Aqui inserem-se as ligações e os processos que tomam lugar entre dois ou mais *settings*, e em que pelo menos um dos microsistemas não contém a pessoa em desenvolvimento, mas no qual, todavia, ocorrem eventos que influenciam indiretamente os processos no *setting* imediato da pessoa em desenvolvimento. Por exemplo, considerando os pais, será a relação entre a escola e o grupo de pares da vizinhança.

Macrossistema

Este consiste no padrão abrangente das características do micro, meso e exossistemas de uma determinada cultura ou subcultura. Inserem-se aqui os sistemas de crenças, o conhecimento, os recursos materiais, costumes e estilos de vida, estruturas de oportunidade e opções do curso de vida que existem nas culturas e subculturas. Posto de outra forma, o autor refere que este sistema é uma espécie de impressão digital de uma determinada cultura ou subcultura.

Cronossistema

Este último sistema estende o contexto para a tridimensionalidade. Neste, o tempo não é apenas uma idade cronológica que vai passando e que apenas diz respeito ao desenvolvimento da pessoa, mas também uma propriedade do ambiente envolvente (mudanças ao longo da vida na estrutura familiar, estatuto socioeconómico, empregabilidade, residência, entre outros).

O autor refere ainda a ideia da hereditabilidade genética numa perspetiva ecológica. Este modelo bioecológico defende a ideia de que os processos proximais transformam os genótipos em fenótipos.

Apesar das influências que acabamos de ver do contexto sobre as práticas parentais, segundo Belsky (1984), também a personalidade dos pais influencia o próprio suporte que é disponibilizado pelo contexto. Crockenberg (1988) chama também à atenção para este fator, no ceio da enumeração de algumas descobertas, para a possibilidade das características das mães

influenciarem tanto as práticas parentais de abuso e negligência, como o acesso a um baixo suporte.

Cochran (1990) debruçou-se também sobre esta temática, afirmando no mesmo sentido que existem fatores inerentes ao indivíduo, tais como as suas características e a sua personalidade, que influenciam o acesso à rede de suporte social. Neste sentido chegou ao seguinte esquema (figura 4):

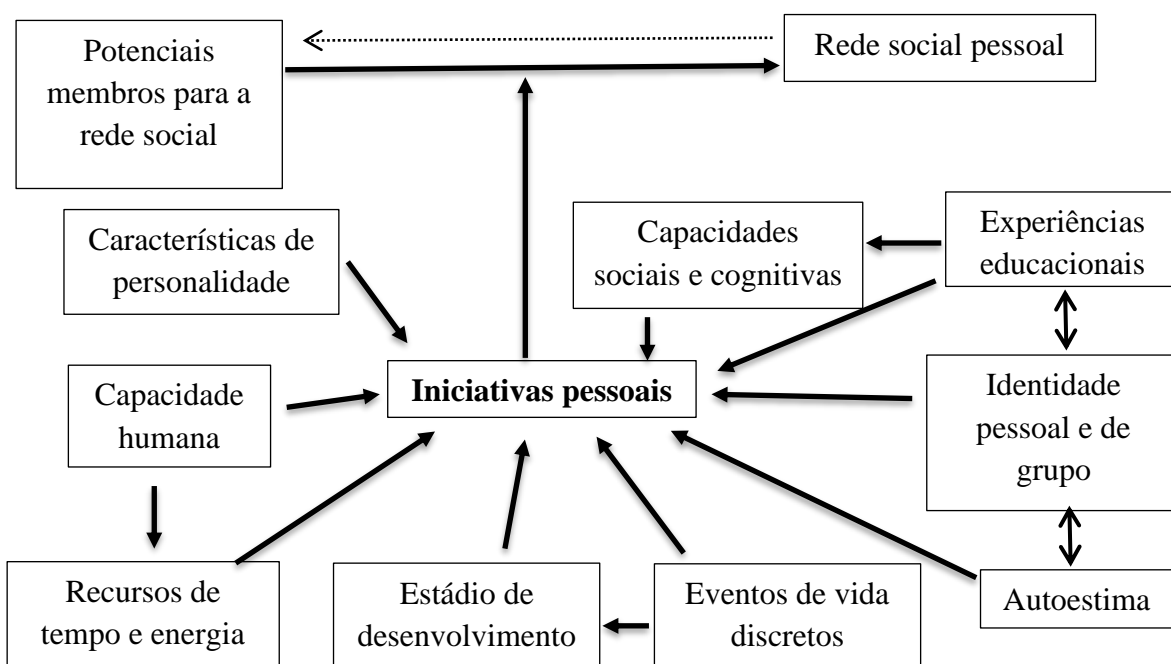


Figura 4. Fatores pessoais que afetam a construção da rede social de acordo com Cochran (1990)

Belsky e Barends (2002) retomam esta ideia afirmando que, após o crescimento do impacto das teorias de Bronfenbrenner acerca da teoria ecológica, os estudos sobre as práticas parentais colocaram de parte o fator da personalidade dos progenitores em prol único do contexto. Todavia, como supramencionado, o contexto influencia as práticas parentais, mas a personalidade dos pais influencia tanto as práticas parentais, como ainda o suporte proporcionado pelo contexto. Neste sentido, os autores relembram os *Grandes 5* de Tupes e Christal (1992), os construtos *auto-estima* e *locus de controlo*, e ainda o *Quadro de Heinicke*, de modo a compreendermos melhor a ligação entre as práticas parentais e a personalidade.

Os *Grandes 5* referem-se a 5 tipos de personalidade nos adultos, sendo estes o *neuroticismo*, a *extroversão*, a *amabilidade*, a *abertura à experiência* e a *conscienciosidade*

(Tupes & Christal, 1992). O *neuroticismo* engloba a presença de elevados níveis de depressão, ansiedade, hostilidade e irritabilidade e encontra-se associado a um decréscimo do envolvimento e competências parentais e a um aumento de comportamentos parentais mais intrusivos e de sobre-controlo (Belsky & Barends, 2002). A *extroversão* encontra-se associada a práticas parentais de maior ativa participação, maior manifestação afetiva, mais encorajadoras da independência (Losoya, Callor, Rowe, & Goldsmith, 1997), maior sensibilidade e mais estimulação cognitiva (Belsky, Crnic & Woodworth, 1995). A *amabilidade* associa-se a práticas parentais de maior suporte e sensibilidade (Belsky & Barends, 2002). Por fim, a *abertura à experiência* e a *conscienciosidade* encontram-se menos associadas às práticas parentais (Belsky & Barends 2002).

Relativamente aos outros 2 construtos de personalidade mencionados, a *auto-estima* encontra-se associada a práticas parentais mais sensíveis, de maior suporte, mais estimulantes e mais facilitadoras do crescimento e o *locus de controlo* deve ser interno, permitindo ao progenitor uma visão em que ele próprio está em controlo e é capaz de o ter, sendo também um construto muito associado a uma boa saúde mental (Belsky & Barends, 2002).

Por fim, o *Quadro de Heinicke* (Heinicke, 1984) propõe um modelo em que defende que a personalidade influencia de facto as práticas parentais, explicando que as características pré-natais dos pais, o funcionamento do casal e ainda os apoios provenientes da família alargada determinam, em combinação tripla, as práticas parentais. Heinicke reforça assim a importância da personalidade, mas vai também em certa medida ao encontro Bronfenbrenner, lembrando o meso e o macrosistemas e releva ainda, através do apoio familiar, a importância do contexto. Holden e Buck (2002) referem que o exercício parental consiste numa tarefa interativa com a criança, o que a torna passível de influência pela criança, tanto a nível das práticas parentais como das atitudes.

Num estudo de Makosky (1982) que aborda as condições de vida e a parentalidade, verificou-se que mães que não dispõem de um suporte regular relativamente às crianças, apresentam maiores níveis de depressão comparativamente às mães que possuem este suporte regularmente. Mais ainda, as condições na área da parentalidade encontram-se significativamente correlacionadas com a depressão e com a baixa perceção de competência. Reforçando a ideia da importância do contexto para melhorar as práticas parentais, Patterson, DeBaryshe e Ramsey (1989) explicam que o contexto onde a família se encontra inserida influencia o processo de interação familiar, nomeadamente as práticas parentais.

Belsky, Steinberg e Draper (1991) afirmam que quando a criança é exposta a um ambiente que se apresenta com suporte social, baixos níveis de stress e recursos adequados, mais tarde, tornam-se adultos que investem mais na parentalidade e na qualidade da mesma. Isto permite-nos pensar, não só que o suporte social influencia as práticas parentais dos progenitores atuais, como vimos em estudos supracitados, mas que também influencia as práticas parentais futuras da criança que agora é, mas que se tornará eventualmente em futuro progenitor.

Miller, Shim e Holden (1998) referem que as práticas parentais estão subjacentes às especificidades do contexto. Os autores analisaram as práticas parentais em três contextos diferentes, nomeadamente em casa, no parque e em laboratório, verificando como resultados que as práticas parentais variavam, nos mesmos indivíduos, sistematicamente, consoante o contexto.

As atitudes parentais são, de acordo com Zelkowitz (1982), modeladas não apenas pela experiência que os próprios pais tiveram enquanto crianças em crescimento e pela sua história de vida, mas também pelo meio onde estão inseridos, pelo seu contexto cultural. Assim, é de notar que as práticas parentais “não emergem de um vacuum”. Giovannoni e Billingsley (1970) verificaram que alguns fatores de stress do contexto tais como uni-parentalidade, famílias de largas dimensões, divórcio e condições de habitação inadequadas afetam a capacidade dos pais de atenderem às necessidades dos seus filhos, em particular quanto às necessidades emocionais e à dimensão *afetuosidade* das práticas parentais. Também o stress, a depressão e a ansiedade impactam as práticas parentais. Quando estas variáveis se encontram presentes, as práticas parentais tendem a alterar-se num sentido de maior *restritividade*: maior exigência de maturidade esperada das crianças, mais exigências nas tarefas domésticas, menor margem de aceitação de erro por parte dos filhos, menor assistência aos mesmos e maior tendência para gritar e punir fisicamente. Assim, e de acordo com Zelkowitz (1982), progenitores com depressão, ansiedade ou stress tendem a recorrer a práticas parentais mais punitivas, que a longo prazo se revelam frequentemente como contraproducentes relativamente à obediência.

Crockenberg (1988) concretiza uma revisão de literatura onde procura explicar como o suporte social afeta as práticas parentais. A autora acaba por identificar 4 processos através dos quais os benefícios podem ocorrer:

1. O primeiro processo concerne a ideia de que o suporte social pode reduzir os eventos causadores de stress ou agir como uma ferramenta de alívio, consistindo metaforicamente num escudo, nomeadamente através de assistência instrumental, tal como tomarem conta dos seus filhos quando necessário, aconselhamento acerca das práticas parentais ou ajuda financeira.
2. O segundo processo reside no suporte emocional providenciado aos pais. Este surge como um fator que ajuda a aliviar o stress na vida parental, agindo conjuntamente com o primeiro processo muitas vezes.
3. Como terceiro processo surge a ideia de construção ativa de estratégias de *coping*. Como exemplo a autora refere a autoconfiança da mãe, que quando é elogiada por um membro da rede de suporte mais experiente acaba por ser reforçada, levando a que as suas competências quanto às práticas parentais sejam progredidas como resultado das sugestões deste membro.
4. Por fim, o quarto processo referido pela autora consiste na influência do suporte emocional sobre os modelos relacionais. Isto é, se o progenitor é de forma consistente recebedor de suporte emocional ou afetuosidade (“nurturance”), sente-se mais merecedor de afetuosidade, mais capaz de ser afetuoso nas suas práticas parentais.

Rede de Suporte Social

Mencionou-se já anteriormente a perspetiva evolucionista acerca da forma como a parentalidade é determinante para o sucesso de desenvolvimento e sobrevivência da criança. Visto isto, e segundo Bjorklund, Yunger & Pellegrini (2002), a teoria evolucionista enfatiza ainda a expressão de programas epigenéticos que partem da interação com o ambiente envolvente ao longo do decurso do desenvolvimento. Mais especificamente, esta teoria explica que as variações nas práticas parentais podem gerar diferentes respostas adaptativas, produzindo assim diferentes fenótipos humanos, relevando a importância das condições ecológicas ao longo do desenvolvimento. No mesmo sentido está a ideia do Modelo bioecológico de Bronfenbrenner (2009) já referido aqui, em que se defende esta mesma ideia base.

Definição

O Suporte Social consiste na assistência emocional e instrumental providenciada por outros e tem-se como um poderoso instrumento contra o stress (Belle, 1982). Crockenberg

(1988) define este conceito em concordância com Belle, afirmando que o suporte social consiste na ajuda, providenciada por outros, em termos emocionais, instrumentais e informacionais. Já o isolamento social surge como um fomentador de um contexto em que ocorrem práticas parentais de abuso, particularmente quando os pais estão sob stress (Garbarino, 1997).

A solidão, de acordo com Jones (1985), não é algo com que o ser humano se depara sem que isso o perturbe. Algo que a psicologia da solidão partilha com o conceito de suporte social é a ideia base de que a intimidade e as relações sociais são essenciais para o funcionamento humano. Segundo Antonucci (1985), desde o momento em que nascem, as crianças são expostas a uma rede social. Primeiro esta exposição é apenas aos principais cuidadores, sendo depois alargada progressivamente a uma rede mais ampla de família e amigos. Estas pessoas representam uma espécie de escudo que permite uma interação entre a criança e o mundo mais segura. Este escudo é estável, na medida em que algumas das pessoas que o constituem serão membros efetivos e constantes, mas também é dinâmico, uma vez que muitos outros membros deste escudo irão ao longo da vida da criança sair, assim como novos membros irão entrar. Esta rede onde se desencadeiam as primeiras trocas interpessoais é preditora também das futuras relações interpessoais e da futura rede de suporte social do indivíduo.

O conceito rede de suporte social engloba, na verdade, dois conceitos, a rede social ou *social network* e o suporte social ou *social support*. Segundo Cochran e Brassard (1979) a rede social ou *social network* consiste no conjunto de pessoas, fora o agregado familiar, que interagem numa qualquer troca afetiva e/ou material com os membros da família em questão. Mais tarde, Cochran (1991) define a rede social pessoal como a rede social da pessoa ou família em específico. Esta consiste em todos os membros ligados a uma pessoa ou família, sejam estes membros da família alargada, vizinhos, colegas de trabalho ou amigos. Todos estes podem estar ou não também ligados entre si. Cochran (1991) explica que, na sua conceção, a exclusão do agregado familiar do conceito rede social deve-se ao facto de que as relações dentro do agregado são qualitativamente diferentes das relações mantidas com as pessoas fora do mesmo. Cobb (1976) define o suporte social como a informação que leva o indivíduo a acreditar que é valorizado, cuidado e amado, bem como pertencente a uma rede de mútua obrigação. Todavia, (Cochran & Niego, 2002) esta mútua obrigação entre membros que esperam alguma reciprocidade de suporte social pode ser um fator de negativo, na medida em que alguns pais sentem que não têm muito para oferecer.

Wellman (1981) defende que a rede social vai muito para além da dicotomia suporte ou não-suporte social. Explica então que esta dicotomia retira a dimensão multifacetada das ligações sociais entre seres humanos, pelo que se deve ter em consideração que a rede de suporte social, não pode ser concebida como uma rede utópica que providencia apenas suporte, retirando-se todos os membros da rede social existentes que providenciam assistência, suporte, mas também stress e outros fatores negativos inerentes às relações interpessoais humanas. Cochran (1991) refere que, de facto, a rede de suporte social providencia ambos, tanto o suporte desejado, como o stress indesejado.

Suporte Social como Positivo ou Negativo

Percebendo que o suporte social é importante e que está presente desde que a pessoa nasce, é necessário perceber se este é sempre positivo e, se quanto mais, melhor. Antonucci (1985) explica que o suporte social nem sempre é positivo. Este pode ser na verdade negativo, tanto porque o resultado objetivo deste o é, como porque a pessoa recetora deste suporte o percebe como tal. Outro fator que pode levar a que o suporte social seja negativo é a não-reciprocidade, a qual se pensa que é necessária para um suporte social positivo. Também a origem do suporte social pode ser fonte de uma perceção negativa deste. O suporte social tem origem em duas fontes: família e amigos. A perceção positiva ou negativa do recetor varia consoante a fonte, na medida em que os padrões avaliados são distintos para ambas. No caso da família, o suporte social é expectável, particularmente em momentos que o requerem de forma mais significativa. Isto leva a duas consequências: quando a família presta suporte social isso é tido uma obrigação por parte da família que foi cumprida, não sendo avaliado como algo muito positivo, mas algo mais neutro. Todavia quando o suporte social não é providenciado, o impacto é muito negativo. No caso dos amigos, o suporte social não é expectável e não existe nenhum sentido de obrigatoriedade nas entrelinhas relacionais. Isto leva a que quando o suporte social é providenciado haja uma avaliação muito positiva, enquanto que quando este não ocorre, também não é avaliado como algo significativamente negativo. Antonucci (1985) explica assim a frequência com que se verifica que o suporte social fornecido por amigos é mais tendencialmente mais positivo que o disponibilizado pela família.

Relativamente à questão da quantidade ser sinónima de um suporte social positivo, Antonucci (1985) desmistifica esta ideia, afirmando que apesar de ser importante que a quantidade se encontre dentro dos limites mínimos de existência, o fator mais preditivo de um resultado positivo do suporte social é a qualidade do mesmo, e não a quantidade.

Tipos de Suporte Social

Relativamente à distinção do tipo de suporte social, Sarason e Sarason (1985) explicam que podemos considerar o suporte social percebido e o suporte social administrado. O percebido concerne o suporte social que a pessoa crê que obtém quando necessita, e neste tipo de suporte social podemos ter em conta se a pessoa se encontra satisfeita ou não com o mesmo, bem como com a quantidade em que este se percebe existir. Este tipo de suporte social depende das características idiossincráticas de cada pessoa em termos da sua personalidade. O suporte social administrado diz respeito ao suporte social que concretamente é fornecido.

De acordo com Sarason e Sarason (1985), a percepção da falta de suporte social pode levar a sentimentos de isolamento e solidão que podem associar-se a perdas de suporte na infância e sentimentos de inadequação ou a relações inseguras na infância com as figuras significativas. Isto leva-nos a questionar a importância de um suporte social percebido como positivo no âmbito de famílias com crianças em desenvolvimento constante, na medida em que o suporte social pode influenciar o contexto da interação criança-figuras cuidadoras significativas.

Acesso ao Suporte Social

Jones (1985) debruça-se sobre a personalidade como fator condicionante da acessibilidade ao suporte social. Neste sentido, declara que as condicionantes do meio envolvente são um facto estabelecido, mas as relações e os comportamentos interpessoais levam a uma variação considerável na capacidade que a pessoa possui para alcançar objetivos interpessoais e para estabelecer contacto efetivamente com outros.

Jones (1985) explica que a solidão se encontra mais associada a índices relacionais qualitativos do que propriamente a quantitativos. Isto reforça a ideia de que existem fatores de personalidade que explicam a solidão. Desta forma, os aspetos idiossincráticos da personalidade de cada pessoa levam a que cada uma tenha distintas percepções e ações relativamente à sua rede social, que também elas são distintas das características objetivas dessa mesma rede. Assim, a ideia subjacente é a de que as características de personalidade da pessoa regem o estilo, tom e resultado das interações, influenciando assim a qualidade das relações estabelecidas,

nomeadamente a rede social, bem como influenciando a probabilidade de solidão experienciada e real.

Wellman (1981) explica que existem diversos fatores de constrangimento na acessibilidade à rede de suporte social. A acessibilidade a uma rede de suporte social varia substancialmente, dependendo de várias características tais como: nível educacional dos pais, meios financeiros, ocupação dos pais, o número de progenitores na residência, etnia e, por fim, a cultura em que os pais se inserem. Fischer (1982) refere que o nível educacional é o fator de constrangimento mais significativo. O autor verificou também que os meios financeiros do agregado familiar são também fator de constrangimento, sendo que quanto menor o poder financeiro, menor o número de membros da rede de suporte social que não pertencem à família alargada. Pais sem atividade profissional, população mais idosa, com menos capacidade económica e pais pertencentes a minorias étnicas têm uma menor janela de oportunidade para construção de uma rede de suporte social satisfatória. Em contraponto, pais mais jovens, com maior nível educacional e afluentes têm acesso a mais oportunidades de construção de rede de suporte social. Cochran e Gunnarsson (1990) os estudos de Fisher (1982) comparando as redes sociais dos pais em quatro culturas distintas (Suécia, Estados Unidos, País de Gales e Alemanha), confirmando os resultados de Fisher relativamente aos efeitos da classe social nas redes sociais dos progenitores.

Cross (1990) conduziu um estudo acerca das redes de suporte de mães de diferentes origens e condições socioculturais e socioeconómicas, concluindo que mães afro-americanas, mães não étnicas europa-americanas, mães com baixo nível educacional e, ainda, mães pertencentes a culturas que atribuem um papel societal muito restrito às mulheres, todas têm um acesso mais restrito a potenciais membros de rede disponíveis, comparativamente a mães que se encontram em situações socioeconómicas e socioculturais mais vantajosas. Mais ainda, verifica-se que as restrições supramencionadas aumentam quando se trata de pais solteiros.

Fisher (1982) refere que pais casados possuem uma rede de suporte social mais ampla, tanto em membros familiares como em membros vizinhos, comparativamente a pais solteiros. Estes últimos apresentam uma rede de suporte que insere mais membros extrafamiliares do que familiares. Gunnarsson e Cochran (1990) também efetuaram estudos acerca das diferenças nas redes de suporte entre progenitores casados e solteiros, verificando também que quando solteiros a rede de suporte social é menor, independentemente da cultura ou classe social, atribuindo a este resultado o facto de o número de membros da família alargada ser menor.

Cochran (1990) refere que as escolas podem ter um papel importante na rede de suporte social dos pais, na medida em que providencia aos pais competências para construir redes de suporte social, bem como acesso a possíveis membros extrafamiliares.

É também importante denotar que, não só as redes de suporte social acessíveis aos pais, variam quanto ao acesso que estes de facto possuem consoante as suas características sociais, culturais e económicas, mas também variam em si mesmas ao longo da vida. Larner (1990) debruçou-se sobre estas alterações ao longo do tempo nas redes de suporte dos pais e verificou que, no espaço de 3 anos, a rede dos pais apresentou uma rotatividade de 22%, sendo que dentro desta rotatividade, apenas 9% foram relativos a membros da família alargada, enquanto que 33% de todos os membros extrafamiliares se alteraram.

Cochran (1990) debruçou-se acerca dos fatores contextuais que delimitam a rede de suporte acessível aos pais, tendo chegado ao seguinte esquema (figura 5):

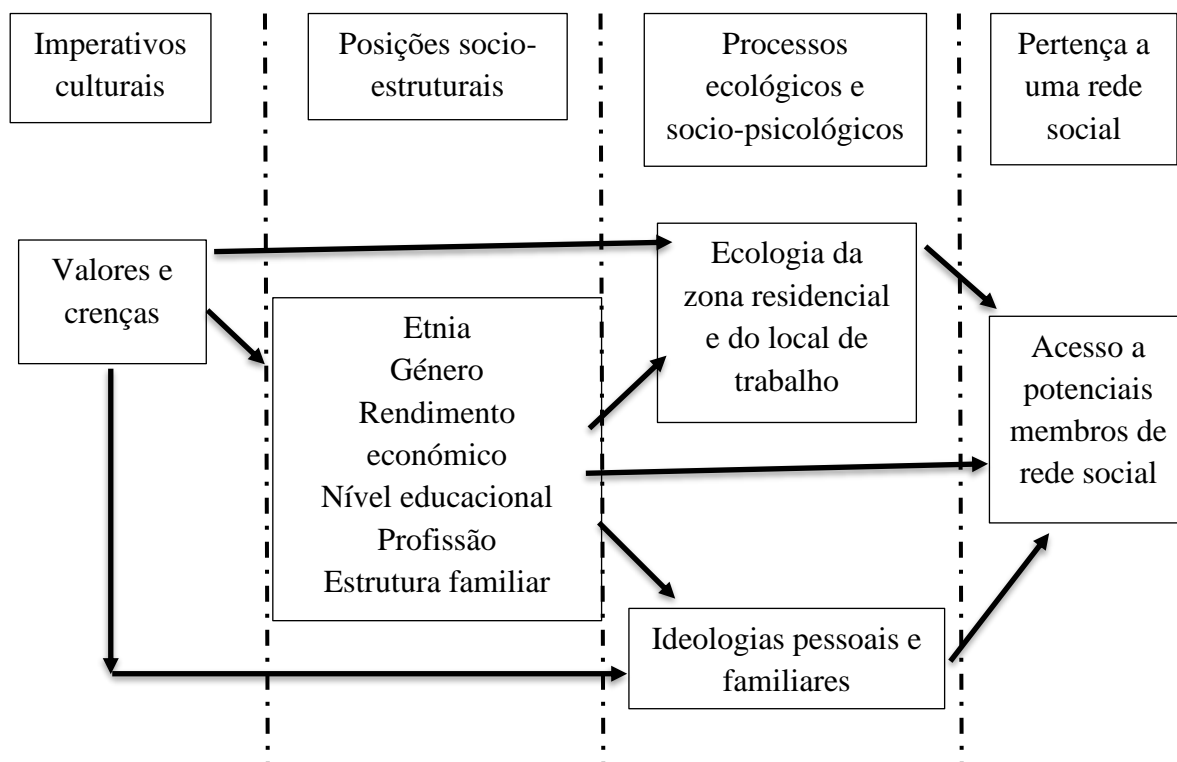


Figura 5. Fatores contextuais que influenciam o acesso à rede de suporte de acordo com Cochran (1990)

Mais tarde Cochran (1991) acaba por desenvolver um modelo acerca da rede social, que aborda um conjunto de questões, tais como os fatores que influenciam a sua construção e desenvolvimento, dimensão, bem como os resultados para a criança e para os pais. O modelo do desenvolvimento da rede social pessoal é esquematizado da seguinte forma:

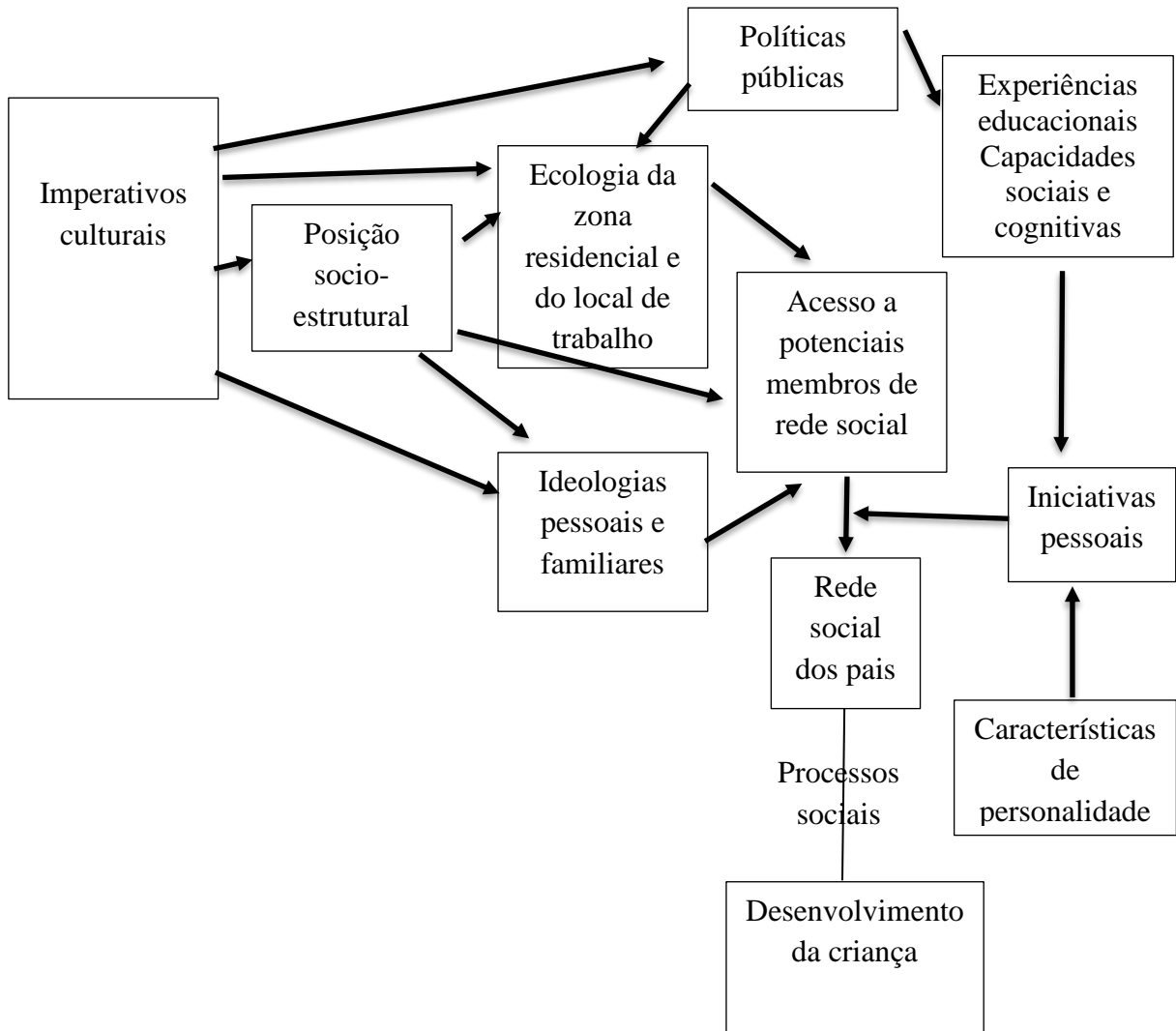


Figura 6. Modelo de Desenvolvimento da Rede Social Pessoal de acordo com Cochran (1991)

Cochran (1991) explica que o lado direito da figura insere a maioria do potencial de mudança da rede social e englobe os fatores que condicionam a quantidade e direção das iniciativas sociais realizadas pelos pais. Estas iniciativas podem dividir-se em duas formas: a seleção de pessoas dentro da janela de potenciais membros disponíveis e a manutenção das atividades requeridas da rede já existente. No centro da figura encontra-se esta janela supramencionada, que consiste nas pessoas a que os pais têm acesso para incluírem na sua rede social. Do lado esquerdo, por sua vez, encontramos fatores restritivos a esta. Dentro destes fatores restritivos, encontramos os *Imperativos Culturais* que correspondem aos valores e crenças sociais, o *Posicionamento Estrutural Societal* consiste na forma como uma determinada sociedade aloca os seus recursos (educação, emprego, salário) de acordo com a etnia, género e tipologia familiar. Neste último conceito, temos variações exemplificadas por Fisher (1982) já referidas, como quanto maior o nível educacional dos pais e o seu poder económico, maior a dimensão da rede social. Na parte inferior da imagem temos ainda a visibilidade de que a rede social irá impactuar o desenvolvimento da criança. Por fim, na parte superior da imagem encontram-se as *Políticas Públicas*, que consistem nas medidas públicas, por exemplo governamentais, que influenciam a educação, o emprego, os locais em que a família habita. Deste modo, as *Políticas Públicas* influenciam as oportunidades educacionais, de emprego e de qualidade de local de residência, acabando em última instância por influenciar a quantidade e qualidade do suporte recebido pela rede social dos pais.

Suporte Social e Práticas Parentais

O tipo de suporte social recebido tende a ser especializado de acordo com três categorias (Fischer, 1982):

Counseling – Discussão de assuntos pessoais. Procura de conselhos. Providenciado por familiares próximos, esposos e amigos próximos tendencialmente.

Companionship – atividades sociais, discussão de hobbies. Providenciado por amigos tendencialmente.

Practical – cuidados de casa, discussão de trabalho, ajuda na casa, emprestar dinheiro. Providenciado por familiares, colegas de trabalho, amigos ou vizinhos tendencialmente.

Deste modo, verifica-se que o suporte social recebido tende a ser providenciado por redes de suporte especializadas, como as que se refere acima.

Cochran e Niego (2002) afirmam que a rede de suporte social afeta as práticas parentais. No mesmo sentido, Weinraub, Horvath e Gringlas (2002) referem que a assistência com os cuidados à criança, o suporte emocional providenciado e os conselhos em como manter práticas parentais autoritativas se revelou como sendo significativamente positivo, particularmente quando se tratava de progenitores divorciados, separados ou solteiros. Belle (1982) verificou a mesma conclusão de impacto entre suporte social e práticas parentais, com a particularidade da conclusão de que os fatores mais importantes no suporte social providenciado em termos parentais são a assistência nos cuidados à criança e o facto de estes sentirem que, em caso de necessidade, possuem alguém com quem podem contar em termos de apoio.

Colletta (1981) segue a mesma linha de resultados, ao estudar a importância do suporte social no funcionamento parental, verificando que quanto mais os pais experienciam suporte emocional, mais afetuosa são para com os filhos. Polansky, Gaudin, Ammons e Davis (1985) compararam a percepção relativamente à comunidade onde se inserem, entre mães negligentes e não-negligentes, tendo verificado que a percepção da comunidade em mães negligentes é significativamente mais negativa, comparativamente a mães não-negligentes (tratando-se da mesma comunidade avaliada). Assim, este estudo conclui que a percepção de suporte social se relaciona de facto com as práticas parentais.

Belle (1982) explica que o suporte social recebido reflete-se significativamente no bem-estar emocional dos progenitores. Mães com assistência adequada em situações de emergência apresentam maior percepção de competência parental e mães com assistência adequada no quotidiano apresentam níveis mais saudáveis de saúde mental. Também a sensação de controlo sobre os acontecimentos de vida e a autoestima aumentam quanto maior o suporte social recebido. Deste modo, verifica-se que ter fontes de interdependência não retira a sensação de poder individual, na verdade aumenta-a.

Relembrando a importância e o impacto já referidos que as práticas parentais têm no desenvolvimento da criança, acresceu-se deste modo ao longo da presente revisão de literatura, a importância e impacto do suporte social nas práticas parentais, culminando na ideia de que é necessário que o suporte social forneça aos pais ferramentas para exercerem a parentalidade com o que de melhor têm, para que, por fim, o desenvolvimento da criança seja beneficiado.

Neste sentido, podemos observar o estudo de Homel, Burns e Goodnow (1987) que conclui que a felicidade da criança no seio familiar, as emoções negativas, as competências sociais da criança para com os seus pares e a adaptação ao meio escolar se relacionam com a presença ou ausência de uma rede de suporte social providenciada à sua família, bem como com a ligação à comunidade.

Maguire-Jack e Wang (2016) levaram a cabo um estudo em que procuraram perceber a relação entre a rede de suporte social dos pais e as práticas negligentes. Os autores verificaram que em locais com elevada coesão local comunitária, os níveis de suporte social são mais elevados, o stress parental é mais baixo e, consequentemente, os níveis de negligência parental são também mais reduzidos.

Num estudo acerca do suporte social e stress parental em famílias portuguesas de risco, conduzido por Ayala-Nunes, Nunes e Lemos (2016) verificou-se que nestas famílias, os níveis de stress parental se encontravam extremamente elevados (44,51% destes pais revelaram níveis clínicos significativos). O suporte emocional foi o tipo de suporte mais relacionado com a questão do stress parental elevado, nomeadamente tanto na dimensão da rede de suporte que o providencia, bem como na satisfação com o mesmo.

Taylor, Conger, Robins e Widaman (2015) concretizaram um estudo longitudinal acerca das práticas parentais e do suporte social percebido, bem como da relação destes com a competência social de crianças. Um dos resultados principais foi que o suporte social percebido foi positivamente associado ao longo do tempo a práticas parentais de afetuosidade, bem como que este prediz a monitorização parental ao longo do tempo por parte das mães.

Deste modo, verificamos que a parentalidade não é exercida num contexto de vácuo social. Vários fatores sociais influenciam a capacidade dos pais nas suas práticas diárias e, consequentemente, o desenvolvimento das crianças. Cabe à comunidade e sociedade providenciar aos seus pais os melhores recursos para criarem os futuros cidadãos das mesmas, da melhor forma possível (Cochran & Niego, 2002). Cochran (1991) defende que providenciar aos pais suficiente e adequada educação, emprego e condições apropriadas de habitação, irá reduzir a opressão e iniquidade, bem como conduzir a uma liberdade nos pais que permitirá a fomentação de conexões nas redes sociais e, em última instância, a formação de comunidades saudáveis e produtivas.

Alguns estudos concretizam a promoção de melhorias nas redes de suporte social, através de programas sociais em comunidades locais, tendo surgido efeitos positivos nesse sentido. Exemplos disso são as intervenções levadas a cabo por Hess, Shipman, Brophy e Bear (1968), por Eisenstadt e Powell (1987) e ainda por Cochran (1991).

Covid-19

A pandemia COVID-19 é causada pela nova estirpe de coronavírus SARS-CoV-2 e foi descoberta pela primeira vez a 31 de dezembro de 2019, em Wuhan (WHO, 2020). Esta chega a Portugal pela primeira vez em março, tendo a DGS efetuado um comunicado a 1 de março de 2020 acerca de um “Caso de COVID-19 identificado em doente que esteve no Norte de Portugal”. Esta doença é transmitida pelo contacto próximo entre pessoas infetadas, sendo de transmissão direta neste caso, ou através do contacto com superfícies e objetos contaminados, sendo de transmissão indireta neste caso (Freitas, 2020).

Luo, Guo, Yu, Jiang e Wang (2020) concretizaram uma revisão sistemática e meta-análise em que incluíram 9207 estudos que incluem 17 países. O objetivo deste estudo foi perceber o impacto psicológico e mental do COVID-19 na população profissional da saúde e na população generalizada. Verificaram que existe uma prevalência de ansiedade e depressão, 33% e 28% respetivamente. Quando se trata de pacientes com condições de saúde pré-existentes ou infeção por COVID-19, as prevalências de ansiedade e depressão aumentam significativamente, 56% e 55% respetivamente, não havendo aqui diferenças significativas entre profissionais de saúde e o público em geral. Alguns países, nomeadamente China, Turquia, Irão, Espanha e Itália, reportaram percentagens com prevalências de ansiedade e depressão mais elevadas, tanto nos profissionais de saúde como na população generalizada. Foram identificados alguns fatores de risco e alguns fatores protetores. Relativamente aos fatores de risco encontram-se os seguintes:

- Ser mulher; Ser enfermeiro(a); Baixo estatuto socioeconómico; Contexto facilitador de contração de COVID-19; Isolamento social.

Relativamente aos fatores protetores encontram-se os seguintes:

- Fácil acesso a recursos de saúde; Fácil acesso a atualização de informações e informações fiáveis no geral.

Por fim, os autores concluem que a intervenção psicológica em populações de risco é algo que deve ser disponibilizado com fator de urgência.

Jarego, Pimenta, Pais-Ribeiro, Costa, Patrão, Coelho e Ferreira-Valente (2021) conduziram um estudo com o propósito de avaliarem a saúde mental da população portuguesa durante o primeiro confinamento decorrido entre Março e Maio de 2020, bem como compreender as estratégias de *coping* utilizadas neste período, e por fim, a associação entre ambos. Como resultados, o estudo indicou que, durante o primeiro confinamento devido à pandemia mundial de COVID-19, a população portuguesa não sofreu de uma forma generalizada um impacto negativo em termos de saúde mental. Quanto às estratégias de *coping* utilizadas pelos portugueses, as mais recorrentes foram a aceitação, planeamento e *coping* ativo. As estratégias associadas a problemas no âmbito da saúde mental foram o recurso a suporte instrumental e emocional, a auto-culpabilização, o desabafo, a negação, o comportamento desligado e o recurso a substâncias, sendo o mais estatisticamente significativo o último. Por outro lado, as estratégias de *coping* adaptativas associadas a um bom funcionamento em termos de saúde mental foram o *coping* ativo, o reenquadramento positivo, a aceitação e o humor, sendo as mais estatisticamente significativas o reenquadramento positivo e o humor.

Connell e Strambler (2021) conduziram um estudo que pretendia avaliar a relação entre a exposição à pandemia COVID-19 e o stress relacionado à mesma, e a sua associação com as práticas parentais de negligência, restritivas e de disciplina positiva. Os autores verificaram que os indicadores de stress pela pandemia COVID-19, predizem práticas parentais de negligência, bem como de maior recurso à disciplina. Os autores sugerem que seria protetor os pais terem suporte social adicional providenciado nesta altura, de forma a terem as condições necessárias para cuidarem dos seus filhos enquanto estão sujeitos aos múltiplos desafios pandémicos.

Spinelli, Lionetti, Pastore e Fasolo (2020) concretizaram um estudo com o intuito de explorar o efeito dos fatores de risco inerentes à pandemia COVID-19 experienciados pelos pais e o efeito no bem-estar das crianças. Os resultados indicam que a perceção de dificuldades na quarentena consiste num fator determinante que prejudica o bem-estar dos pais e da criança. Mais ainda, detetaram que o impacto da quarentena no comportamento e nos problemas de foro

emocional da criança são mediados pelo stress experienciado pelos pais, tanto a nível individual, como sobretudo, a nível diádico (casal).

Morelli, Cattelino, Baiocco, Trumello, Babore, Candelori e Chirumbolo (2020) procuraram perceber a correlação entre os pais e a regulação emocional da criança, durante a quarentena pelo COVID-19. Os autores verificaram que as influências da angústia psicológica dos pais e da autoeficácia emocional regulatória dos mesmos na regulação emocional e labilidade / negatividade das crianças foram mediadas pela percepção de autoeficácia dos pais. Os autores denotam que estes resultados sugerem que a percepção de competência que os pais experienciam de si mesmos na sua atividade parental poderá ser um fator protetor para o bem-estar emocional da criança.

Matvienko-Sikar, Pope, Cremin, Carr, Leitao, Olander e Meaney (2020) investigaram questões relacionadas com o stress, comportamentos de saúde e o suporte social em grávidas, durante a pandemia COVID-19. Relativamente aos resultados, apenas foram significativos os que se referem ao suporte social. Os autores verificaram um decréscimo significativo no suporte social percebido (nomeadamente suporte percebido por outros significativos, amigos e família) em grávidas durante a pandemia, comparativamente a grávidas pré-COVID-19.

Van den Berg, Burk, Cillessen e Roelofs (2021) conduziram um estudo longitudinal acerca da saúde mental durante a pandemia COVID-19, considerando outros fatores a ter em conta como o suporte social providenciado por outros próximos. De um modo geral, os resultados obtidos indicaram que a pandemia não causou o aumento de forma uniforme de problemas de saúde mental. Nomeadamente, níveis elevados de suporte social materno foram relacionados com níveis de stress psicológico e de depressão mais baixos, níveis de suporte social paterno reduzidos foram relacionados com o aumento dos níveis de stress psicológico, bem como sintomas de ansiedade e depressão. O suporte social providenciado por amigos não foi estatisticamente significativo quanto à saúde mental.

Bareket-Bojmel, Shahar, Abu-Kaf e Margalit (2021) realizaram um estudo em 3 países (Reino Unido, Estados Unidos da América e Israel) durante a primeira grande onda de COVID-19 que afetou os mesmos. Os autores procuraram perceber o papel do suporte social percebido enquanto potencial facilitador de esperança, bem como avaliar o efeito mediador da solidão entre o suporte social percebido e a esperança. Como resultados obtiveram que, nos 3 países,

se verifica que o suporte social percebido prediz maior esperança, bem como que a solidão medeia de facto este efeito entre o suporte social percebido e a esperança.

Ren, Li, Chen, Chen e Nie (2020) conduziram um estudo onde procuraram avaliar o nível de ansiedade de pais de crianças com necessidades especiais durante a pandemia COVID-19, bem como a influência do stress parental, do suporte social percebido e outras variáveis relacionadas com a ansiedade dos pais. Os autores concluíram que o nível educacional, a situação financeira e a situação profissional e o tipo de deficiência da criança, se correlacionam significativamente com o nível de ansiedade experienciado por estes pais (sendo o tipo de deficiência da criança o menos significativo). Através de regressão linear múltipla, os autores afirmam que o stress parental e os problemas mentais e comportamentais dos pais predizem, no sentido positivo, o estado de ansiedade parental. Verificaram também que o suporte social percebido, durante este período pandémico, prediz num sentido inverso, o estado de ansiedade parental. Deste modo, verificam que o stress inerente aos desafios pandémicos, bem como problemas individuais dos pais, levam a um aumento do estado de ansiedade. Este mesmo estado pode ser atenuado, tal como os autores verificam, com o suporte social percebido.

Paykani, Zimet, Esmaeili, Khajedaluae e Khajedaluae (2020) levaram a cabo um estudo que pretende avaliar o papel do suporte social percebido no cumprimento da quarentena por COVID-19. Os autores verificaram que o suporte social percebido desempenha um papel encorajador no cumprimento da quarentena, se este suporte percebido for por parte da família, e desempenha um papel desencorajador do cumprimento da quarentena, se este suporte percebido for por parte de amigos, sendo que neste caso terá havido maior necessidade de incumprimento da quarentena para socialização.

Szkody, Stearns, Stanhope e McKinney (2020) conduziram um estudo acerca do papel do autoisolamento na experimentação de stress, a perceção e receção de suporte social e as problemáticas de saúde mental durante a pandemia COVID-19. Os resultados obtidos indicam que após algum tempo em isolamento, o suporte social percebido atenua a relação entre a preocupação acerca da pandemia e a saúde psicológica.

Problemática

Problemática e Objetivos de Investigação

Darling e Steinberg (1993) conceitualizam o Modelo Integrativo dos estilos parentais, onde elaboram e distinguem dois conceitos que historicamente surgem muito confusos e misturados, são estes os estilos parentais e as práticas parentais. Estes autores chegam ao modelo que atualmente consiste no mais aceite e explicam-nos da seguinte forma: as práticas parentais consistem em mecanismos através dos quais os pais ajudam a criança a atingir determinados objetivos de socialização, isto é, têm um efeito direto no desenvolvimento de comportamentos e características específicas na criança; os estilos parentais afetam o desenvolvimento da criança de forma indireta, sendo que estes alteram a capacidade dos progenitores socializarem a criança, devido à alteração da eficácia das práticas parentais. Deste modo, os autores elucidam que os estilos parentais medeiam a influência das práticas parentais no desenvolvimento da criança. Sendo este modelo conceitualizado numa visão mais intrafamiliar, Darling e Steinberg (1993) chamam à atenção para a importância dos fatores extrafamiliares e referem inclusivamente que, para investigações futuras, consideram importante perceber o impacto do contexto que envolve a família nas práticas parentais, bem como nos estilos, denotando que as práticas e os estilos parentais devem ser investigados de forma separada e distinta.

Cochran e Niego (2002) afirmam que a rede de suporte social afeta as práticas parentais. Também Colletta (1981) segue a mesma linha de resultados, ao estudar a importância do suporte social no funcionamento parental, verificando que quanto mais os pais experienciam suporte emocional, mais afetuosos são para com os filhos.

De acordo com as recomendações de Darling e Steinberg (1993) e as conclusões obtidas por alguns autores de que suporte social constitui um fator contextual importante que influencia as práticas parentais, torna-se pertinente estudar a relação entre ambas as variáveis de forma a respondermos à seguinte questão:

Será que as práticas parentais (nas dimensões afetuosidade e restritividade) estão relacionadas com o suporte social percebido pelos pais?

Procura-se igualmente explorar as associações de ambas as variáveis (práticas parentais e suporte social percebido) com variáveis sociodemográficas como o género da criança, idade das mães, estado civil, nível educacional e rendimento económico. Neste sentido, tendo em conta os instrumentos de investigação, considerou-se pertinente para avaliar as práticas parentais utilizar o Modified Child Rearing Practices Report Questionnaire (CRPR-Q), desenvolvido por Rickel and Biasatti (1982) e traduzido pela equipa de Desenvolvimento Social da William James Center for Research, e o Personal Resource Questionnaire – Parte 2 (PRQ-Parte2), desenvolvido por Brandt e Weinert (1981) e traduzido pela equipa de Desenvolvimento Social da William James Center for Research, para avaliar o suporte social percebido.

Com o contexto atual pandémico devido à COVID-19 e considerando o facto desta doença ser transmitida pelo contacto próximo entre pessoas infetadas ou através do contacto com superfícies e objetos contaminados (DGS site), levantou-se a questão de se esta pandemia iria afetar o suporte social percebido devido ao isolamento e distanciamento social. Connell e Strambler (2021) conduziram um estudo que pretendia avaliar a relação entre a exposição à pandemia COVID-19 e a sua associação com as práticas parentais de negligência, restritivas e de disciplina positiva. Os autores verificaram que os indicadores de stress pela pandemia COVID-19, predizem práticas parentais de negligência, bem como de maior recurso à disciplina e sugerem ainda que seria protetor os pais terem suporte social adicional providenciado nesta altura, de forma a terem as condições necessárias para cuidarem dos seus filhos enquanto estão sujeitos aos múltiplos desafios pandémicos. Este estudo reforça as questões dos efeitos da pandemia sobre as práticas parentais e sobre o suporte social, consistindo numa terceira variável pertinente para o presente estudo. Deste modo, levantam-se as seguintes questões:

Será que a pandemia COVID-19 se relaciona com as práticas parentais (nas dimensões afetuosidade e restritividade)?

Será que a pandemia COVID-19 se relaciona com o suporte social percebido?

Neste sentido, considerou-se pertinente para avaliar a experiência inerente à pandemia COVID-19 no primeiro confinamento utilizar o The Coronavirus Health Impact Survey Parent/Caregiver Short Form (Merikangas, Milham, Stringaris, Bromet, Colcombe, & Zipunnikov, 2020) e o The Coronavirus Health Impact Survey Adult Short Form (Merikangas, Milham, Stringaris, Bromet, Colcombe, & Zipunnikov, 2020).

Hipóteses

A partir da literatura supracitada neste estudo e tratando-se de um estudo correlacional, não causal, as hipóteses de investigação constantes na presente dissertação são:

Hipótese 1: *Existe uma relação significativa entre as práticas parentais (nas dimensões afetuosidade e restritividade) e os dados sociodemográficos abordados neste estudo (género da criança, idade das mães, estado civil, nível educacional e rendimento económico).*

Hipótese 2: *Existe uma relação significativa entre o suporte social percebido e os dados sociodemográficos abordados neste estudo (género da criança, idade das mães, estado civil, nível educacional e rendimento económico).*

Hipótese 3: *Existe uma relação significativa entre as práticas parentais (nas dimensões afetuosidade e restritividade) e o suporte social percebido.*

Hipótese 4: *Existe uma relação significativa entre as práticas parentais (nas dimensões afetuosidade e restritividade) e a experiência vivenciada no primeiro confinamento devido à pandemia COVID-19.*

Hipótese 5: *Existe uma relação significativa entre o suporte social percebido e a experiência vivenciada no primeiro confinamento devido à pandemia COVID-19.*

Estas hipóteses têm vindo a ser corroboradas por alguns estudos supramencionados, sendo ainda insuficiente a quantidade de investigações e replicação neste âmbito. Assim, espera-se contribuir para a sua fundamentação e aprofundamento, sendo ainda o primeiro estudo acerca destes tópicos a ser realizado numa amostra portuguesa.

Metodologia

Participantes

A amostra é constituída por 160 mães de crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 7 anos, das quais apenas 151 preencheram as medidas presentes neste estudo. As crianças tinham em média 63 meses ($DP = 12, 11$). 74% das crianças pertencem a uma fratria. Relativamente ao sexo, 71 crianças pertencem ao sexo feminino e 89 ao sexo masculino. As crianças em questão encontravam-se, em termos escolares e antes da pandemia, a frequentar o jardim de infância ou a escola primária. Como critérios de exclusão foram definidos participantes que declarassem que a criança tinha um diagnóstico identificado de perturbação do espectro do autismo, mutismo seletivo ou que se encontrasse em ensino doméstico.

As mães tinham idades compreendidas entre os 25 e 56 anos, apresentando em média 37 anos ($DP = 5,75$). Quanto ao rendimento familiar, este é em média 31933,90 euros ($DP = 20341,357$). Relativamente ao estado civil, 61,7% das mães são casadas ($n = 111$) e 16,7% encontram-se em união de facto ($n = 30$). Quanto ao nível educacional, 85% das mães apresentam um grau de escolaridade de ensino superior.

Instrumentos

No âmbito deste estudo foram utilizados 5 instrumentos, sendo estes o Questionário de dados sociodemográficos, o *Modified Child Rearing Practices Report Questionnaire* (CRPR-Q), o *Personal Resource Questionnaire – Parte 2* (PRQ-Parte2), o *The Coronavirus Health Impact Survey Parent/Caregiver Short Form* e o *The Coronavirus Health Impact Survey Adult Short Form*.

O Questionário de dados sociodemográficos foi criado no âmbito do projeto internacional de investigação longitudinal “Risco e resiliência durante a pandemia de covid-19”. Este procura descrever a amostra em características tais como as abordadas no presente estudo, nomeadamente o estado civil, a idade das mães, a idade das crianças, o nível educacional e o rendimento económico.

O *Modified Child Rearing Practices Report Questionnaire* (CRPR-Q), desenvolvido por Rickel and Biasatti (1982), consiste numa adaptação mais reduzida do *Child Rearing Practice Report* (CRPR), que insere 36 itens de auto-preenchimento e que avalia as atitudes, valores, comportamentos e objetivos parentais. Este instrumento possui duas subescalas, cada uma com 18 itens, que são apresentados sob a forma de escala de Likert, que é cotada pelos pais de 1 (Discordo Fortemente) a 6 (Concordo Fortemente). A subescala Afetuosidade representa atitudes e práticas parentais flexíveis, que se focam no cuidado, afeto e partilha de sentimentos. Estas favorecem o carinho e o encorajamento da independência nas crianças. Exemplos de itens desta subescala são “*Eu acho que uma criança deve receber conforto e compreensão quando está com medo ou triste.*” e “*Eu expresso o meu afeto abraçando, beijando e pegando no meu filho ao colo.*”. A subescala Restritividade concerne as atitudes e práticas parentais que se focam nos aspetos de controlo relativamente aos comportamentos e sentimentos da criança, de acordo com os valores orientadores dos pais. Estas favorecem atitudes mais punitivas e de controlo. Exemplos de itens desta subescala são “*Eu ensino o meu filho a controlar as suas emoções em todas as situações.*” e “*Eu não deixo o meu filho questionar as minhas decisões.*”.

O *Personal Resource Questionnaire – Parte 2* (PRQ-Parte2), desenvolvido por Brandt e Weinert (1981), consiste num instrumento que visa medir o suporte social percebido. Este instrumento é constituído por 25 itens, que são avaliados pelo sujeito de acordo com uma escala de Likert, que é cotada de 1 (Discordo Fortemente) a 7 (Concordo Fortemente). Este instrumento avalia 5 dimensões que consistem em 5 funções relacionais do suporte, sendo estas a Intimidade, a Integração Social, a Afetuosidade, o Valor e a Assistência. Para cada uma destas dimensões, o instrumento possui 5 itens. Alguns exemplos de itens são “*Tenho alguém com quem me sinto próximo(a) que me faz sentir seguro(a)*”, “*Tenho oportunidade de incentivar os outros a crescer e a desenvolver os seus interesses e competências*” e “*Frequentemente, não tenho ninguém para falar sobre a forma como me estou a sentir*”.

The Coronavirus Health Impact Survey Parent/Caregiver Short Form (Merikangas, Milham, Stringaris, Bromet, Colcombe, & Zipunnikov, 2020). Este instrumento consiste num questionário de autorresposta, cujo objetivo é avaliar a perceção dos pais acerca da saúde e bem-estar da criança ao longo da pandemia COVID-19. Este é constituído por 42 itens, sendo composto por duas partes. A primeira parte, constituída por 10 itens, permite a recolha de informação demográfica e contextual relativa à criança. A segunda parte, constituída por 32

itens, avalia 5 questões: o estado de saúde e a exposição da criança em relação ao COVID-19 (4 itens), as mudanças na vida da criança devido ao COVID-19 (16 itens), os comportamentos do quotidiano da criança (sono e atividade) (3 itens), as emoções/preocupações da criança (6 itens) e o uso dos *media* efetuado pela mesma (3 itens).

The Coronavirus Health Impact Survey Adult Short Form (Merikangas, Milham, Stringaris, Bromet, Colcombe, & Zipunnikov, 2020). Este instrumento consiste num questionário de autorresposta e avalia a perceção dos pais acerca da saúde e bem-estar dos próprios. Este instrumento possui 42 itens e é composto por duas partes. A primeira parte, constituída por 10 itens, permite a recolha de informação demográfica e contextual relativa aos pais. A segunda parte, constituída por 32 itens, avalia 5 dimensões: o estado de saúde e a exposição dos pais durante a pandemia de COVID-19 (4 itens), as mudanças na vida dos pais devido ao COVID-19 (16 itens), os comportamentos do quotidiano dos pais (sono e atividade) (3 itens), as emoções/preocupações dos pais (6 itens) e o uso dos *media* efetuado pelos pais (3 itens). Na presente dissertação, é utilizada a secção das emoções/preocupações sentidas pelas mães.

Procedimento

O presente estudo insere-se no projeto de investigação longitudinal “Risco e resiliência durante a pandemia de covid-19”. Este projeto é internacional e inclui uma grande diversidade de países.

Os dados foram recolhidos via online, através da plataforma *Qualtrics*, em Julho de 2020. A divulgação do link dos questionários, bem como dos consentimentos informados, foi efetuada através de redes sociais, de direções de estabelecimentos de ensino pré-escolar de Lisboa, públicos e privados, de encarregados de educação, de associações de pais e, ainda, através de contactos da própria equipa de investigação.

Os participantes foram previamente informados dos objetivos e procedimento do estudo, bem como de que receberiam um vale de 50 euros mediante a participação em todos os momentos da recolha de dados. O estudo foi aprovado pela comissão de ética do ISPA.

Resultados

Medidas Descritivas das Dimensões em Estudo

Tabela 2.

Medidas descritivas das Práticas Parentais

	Média	Desvio Padrão	Alpha
Restritividade	3,80	0,66	0,81
Afetuosidade	5,59	0,28	0,70

A variável Restritividade apresenta uma média de 3,81, um desvio padrão de 0,66 e um alfa de 0,81, para um número de 18 itens. Nesta dimensão não se verificam diferenças significativas em função do sexo da criança ($F(159,1)=0,345$, $p > 0,05$).

A variável Afetuosidade apresenta uma média de 5,59, um desvio padrão de 0,28 e um alfa de 0,70, para um número de 17 itens, tendo sido retirado o item 33 para este efeito. Nesta dimensão verificam-se diferenças significativas em função do sexo da criança ($F(159,1)=6,1$, $p < 0,05$), tal como se pode observar na figura 7.



Figura 7. Diferenças em função do sexo na dimensão Afetuosidade

Tabela 3.

Medidas descritivas do Suporte Social Percebido

	Média	Desvio Padrão	Alpha
Suporte Social Percebido	5,61	0,89	0.91

A medida Suporte Social Percebido apresenta uma média de 5,61, um desvio padrão de 0,89 e um alfa de 0.91, para um número de 25 itens. Nesta dimensão não se verificam diferenças significativas em função do sexo da criança ($F(150,1)=0,895$, $p > 0,05$).

Associações entre os Dados Sociodemográficos e as Práticas Parentais

Não se verificam correlações significativas entre as medidas constadas nos dados sociodemográficos e as práticas parentais, em ambas as dimensões afetuosidade e restritividade. Mais detalhadamente, não se encontra uma correlação entre as práticas parentais e outras medidas tais como o rendimento económico do agregado familiar (na dimensão restritividade temos que $R=-0,149$, $p > 0,05$ e na dimensão afetuosidade temos que $R=0,014$, $p > 0,05$), a idade da mãe (na dimensão restritividade temos que $R=-0,150$, $p > 0,05$ e na dimensão afetuosidade temos que $R=0,102$, $p > 0,05$) ou o nível educacional da mesma (na dimensão restritividade temos que $R=-0,285$, $p > 0,05$ e na dimensão afetuosidade temos que $R=0,016$, $p > 0,05$).

Associações entre os Dados Sociodemográficos e o Suporte Social Percebido

Observa-se uma correlação significativa entre o suporte social percebido e o rendimento económico ($R=0,288$, $p < 0,01$). Todavia, relativamente às restantes medidas constantes nos dados sociodemográficos não se encontram correlações significativas com o suporte social percebido, nomeadamente entre este e a idade das mães ($R=-0,026$, $p > 0,05$), bem como o nível educacional das mesmas ($R=0,121$, $p > 0,05$).

Práticas Parentais e o Suporte Social Percebido

Verifica-se uma correlação significativa entre a afetuosidade e o suporte social percebido ($R=0,311$, $p < 0,01$). Todavia não se observa uma relação com significância estatística entre a restritividade e o suporte social percebido ($R = -0,091$, $p > 0,05$).

Práticas Parentais e o COVID-19

Relativamente às práticas parentais foram verificadas algumas correlações significativas entre ambas as medidas, restritividade e afetuosidade, e algumas questões constantes no CRISIS referentes à experiência das famílias no primeiro mês de confinamento e isolamento num contexto de pandemia mundial.

Quanto à medida restritividade, observam-se correlações significativas com a preocupação de escassez monetária quanto à alimentação ($R = 0,245$, $p < 0,05$) e com o estado emocional (felicidade ou tristeza) ($R = -0,228$, $p < 0,05$).

Quanto à medida afetuosidade, observam-se correlações significativas com o estado emocional (felicidade ou tristeza) ($R = 0,264$, $p < 0,01$), com o nível de ansiedade sentida (relaxado ou ansioso) ($R = -0,223$, $p < 0,05$) e com a facilidade sentida em experienciar irritabilidade ou enraivecimento ($R = -0,201$, $p < 0,05$).

Suporte Social Percebido e o COVID-19

Relativamente ao suporte social percebido foram verificadas algumas correlações significativas entre este e algumas questões constantes no CRISIS referentes à experiência das famílias no primeiro mês de confinamento e isolamento num contexto de pandemia mundial. Assim, observaram-se correlações significativas com o stress sentido pelas restrições do confinamento ($R = -0,290$, $p < 0,01$), com as dificuldades em cumprir o distanciamento social ($R = -0,235$, $p < 0,05$), com o stress sentido pelas mudanças no contacto com a família ($R = -0,311$, $p < 0,01$), com as dificuldades experienciadas com o cancelamento de eventos importantes ($R = -0,241$, $p < 0,05$), com o grau geral de preocupação sentida ($R = -0,238$, $p < 0,05$), com o estado emocional (felicidade ou tristeza) ($R = 0,271$, $p < 0,01$) e com a solidão experienciada ($R = -0,334$, $p < 0,01$).

Tabela 4.

Correlações estatísticas entre as medidas COVID-19, afetuosidade, restritividade e suporte social percebido

Questões avaliadas pelo CRISIS	Correlações estatísticas		
	Afetuosidade	Restritividade	Suporte Social Percebido
Stress induzido pelas restrições do confinamento	-0,056	0,087	-0,290**
Dificuldades em cumprir o distanciamento social	-0,073	-0,011	-0,235*
Stress experienciado pelas alterações no contacto com a família	-0,061	0,043	-0,311**
Stress experienciado pelas alterações nos contactos sociais	0,005	0,016	-0,178
Dificuldade sentida pelo cancelamento de eventos importantes	-0,039	0,058	-0,241*
Dificuldades económicas sentidas devido à pandemia COVID-19	-0,027	0,029	-0,024
Preocupação com a estabilidade da condição atual em que se encontra	0,003	0,022	-0,090
Preocupação com a necessidade básica de alimentação, devido a insuficiência económica	-0,013	0,245*	-0,039
Quantidade de sono (horas por noite)	0,046	-0,037	-0,020
Rotina de exercício físico (dias por semana, duração de pelo menos 30 minutos)	0,083	0,063	0,043
Nível geral de preocupação	-0,157	-0,020	-0,238*
Estado emocional (feliz versus triste)	0,264**	-0,228*	0,271**
Nível ansiogénico (relaxamento versus ansiedade)	-0,223*	0,038	-0,131
Nível de inquietude	-0,191	0,073	-0,116
Capacidade de concentração/foco	0,076	0,072	0,164
Facilidade em experienciar irritação ou raiva	-0,201*	0,099	-0,171
Nível de solidão experienciada	-0,108	0,190	-0,334**

Nota. *p<.05, **p<.001.

Discussão

Darling e Steinberg (1993), explicam que as práticas parentais são determinadas pelas atitudes parentais, todavia as atitudes são expressas através das práticas parentais. Fazio (1995) afirma que a força da atitude se encontra na sua acessibilidade. Estas ideias fundamentais remetem para uma das principais hipóteses formuladas na presente investigação acerca da possível correlação entre as práticas parentais e o suporte social percebido.

Com o contexto pandémico atual devido à COVID-19 é levantada por alguns autores, bem como no presente estudo, a hipótese de que o confinamento causado pela pandemia se relaciona com dificuldades nas práticas parentais e com o decréscimo de suporte social. Deste modo, é pertinente investigar estas questões de modo a compreender melhor o impacto da pandemia atual no mundo e nas famílias.

Compreensão dos resultados na análise das medidas descritivas

Passando a uma análise mais concreta dos resultados obtidos, verifica-se primeiramente a existência de diferenças significativas para a medida Afetuosidade, pertencente às Práticas Parentais, em função do sexo da criança, sendo que se verificam práticas parentais de afetuosidade mais frequentemente no sexo feminino. Face à ausência de estudos comparativos neste âmbito não nos é possível afirmar o que poderá justificar este resultado. Todavia, seria pertinente replicar e aprofundar estes resultados atendendo às diferenças culturais e incluindo pais na amostra (sendo que o presente estudo se baseou numa amostra apenas de mães).

Dados sociodemográficos e práticas parentais

Relativamente à primeira hipótese formulada, não se verificaram correlações significativas entre as práticas parentais e os dados sociodemográficos presentes neste estudo (tais como o rendimento económico, a idade da mãe ou o nível educacional da mesma). Tal vai, de uma forma geral, ao encontro do esperado, na medida em que as influências sobre as práticas parentais encontradas na literatura são provenientes de dois foros: O foro intrapessoal e de personalidade dos próprios pais, tal como abordam os autores Tupes e Christal (1961) com os *Grandes 5* tipos de personalidade, Belsky & Barends (2002) com os construtos *auto-estima* e *locus de controlo*, Heinicke (1984) com o *Quadro de Heinicke* que propõe um modelo em que defende que a personalidade influencia de facto as práticas parentais de modo a

compreendermos melhor a ligação entre as práticas parentais e a personalidade e ainda por Cochran (1990), Belsky (1984) ou Crockenberg (1988); O foro contextual em termos de suporte providenciado extrafamiliar, tal como é defendido por Belsky (1984), por Bronfenbrenner (2009) e por Darling e Steinberg (1993). Eventualmente poderia ser expectável que os recursos financeiros apresentassem alguma correlação com as práticas parentais adotadas, tal como Belsy, Steinberg e Draper (1991) sugerem, o que não se verificou no presente estudo. Tal pode ser justificado pela homogeneidade da amostra ou pela dimensão reduzida da mesma e seria pertinente replicar este estudo colmatando estas mesmas limitações.

Dados sociodemográficos e suporte social percebido

Relativamente à segunda hipótese formulada acerca da relação entre aos resultados relativos ao suporte social percebido e os dados sociodemográficos, verifica-se uma correlação significativa entre o suporte social percebido e o rendimento económico. Este resultado corrobora a literatura encontrada, tal como refere Cochran (1991) quando aborda a ideia da importância do posicionamento estrutural societal para o acesso à rede de suporte social, e Fisher (1982) quando explica que quanto maior o poder económico dos pais, maior a acessibilidade a uma rede social e maior a sua dimensão. Contrariamente ao que se verifica na literatura, não se verificaram correlações significativas entre o suporte social percebido e o nível educacional, bem como entre o suporte social percebido e a idade. Estes resultados podem dever-se a uma amostra pouco diversificada em termos sociodemográficos (considerando que 85% das mães apresenta um grau de escolaridade de ensino superior, 78,4% são casadas ou encontram-se em união de facto e a idade média é de 37 anos, com um desvio padrão de 5,75) e eventualmente reduzida (n = 151). Assim, poderia ser pertinente replicar estes resultados numa amostra mais heterogénea.

Práticas parentais e suporte social percebido

Quanto à terceira hipótese acerca da relação entre as práticas parentais e o suporte social percebido, verifica-se uma correlação significativa entre a afetuosidade e o suporte social percebido. Tal corrobora a literatura, como se verifica em diversos autores, tais como Cochran e Niego (2002), Colletta (1981) e Polansky, Gaudin, Ammons e Davis (1985), que transmitem, respetivamente, a ideia de que a rede de suporte social afeta as práticas parentais, de que quanto

mais os pais experienciam suporte emocional, mais afetuosa são para com os filhos, e de que a percepção de suporte social se relaciona com as práticas parentais num sentido positivo, isto é, quanto maior é o suporte social percebido, maior é tendência para práticas parentais afetuosa, e não restritiva. Estes resultados são corroborados também em estudos longitudinais, como é o caso do estudo conduzido por Taylor, Conger, Robins e Widaman (2015) em que verifica esta mesma associação.

Não se observa uma correlação significativa entre a restritividade e o suporte social percebido. Este resultado não corrobora a literatura encontrada. Tal pode dever-se ao facto da amostra ser pouco diversificada em termos sociodemográficos e reduzida em termos dimensionais.

Práticas parentais e COVID-19

Relativamente à quarta hipótese que se debruça acerca da relação entre as práticas parentais e a experiência inerente à pandemia no primeiro confinamento, foram verificadas correlações significativas entre as práticas parentais e o COVID-19, tanto na dimensão restritividade, como afetuosa.

Estes resultados corroboram de uma forma geral a literatura encontrada, como se pode observar em alguns estudos. Exemplos destes são o estudo de Connell e Strambler (2021), que confirma uma relação significativa entre práticas parentais de maior recurso a disciplina e de negligência com o stress inerente à vivência pandémica, o estudo de Luo, Guo, Yu, Jiang e Wang (2020) que confirma que a experiência pandémica se encontra associada a uma maior prevalência de ansiedade, tal como os nossos resultados indicam, e ainda o estudo de Spinelli, Lionetti, Pastore e Fasolo (2020) estabelecem que o stress experienciado pelos pais (tanto a nível individual, como sobretudo, a nível diádico ou de casal) no âmbito da vivência da quarentena tem impacto no comportamento e nos problemas de foro emocional da criança, ou seja, que as práticas parentais, e a sua influência direta nas crianças, são afetadas pela experiência pandémica.

Suporte social percebido e COVID-19

Relativamente à última hipótese estabelecida acerca do suporte social percebido e o COVID-19, observaram-se correlações significativas entre as duas variáveis. Estes resultados corroboram a literatura encontrada, tal como se pode observar nos resultados de Matvienko-Sikar, Pope, Cremin, Carr, Leitao, Olander e Meaney (2020), em que se verificou uma relação entre a pandemia COVID-19 e o decréscimo significativo no suporte social percebido. Bareket-Bojmel, Shahar, Abu-Kaf e Margalit (2021) verificam também a relação positiva entre o suporte social percebido e a esperança vivenciada durante a pandemia, sendo esta associação num sentido distinto do que explorámos, mas que implica a relação entre ambas as variáveis verificadas no presente estudo.

Tal como os nossos resultados indicam, também Ren, Li, Chen, Chen e Nie (2020) verificam que o stress inerente aos desafios pandémicos levam a um aumento do estado de ansiedade. Este mesmo estado pode ser atenuado, tal como os autores verificam, com o suporte social percebido.

No mesmo sentido, Szkody, Stearns, Stanhope e McKinney (2020) concluem que o suporte social percebido atenua a relação entre a preocupação acerca da pandemia e a saúde psicológica. Os nossos resultados corroboram este estudo, sendo que se observa também uma correlação significativa entre o grau geral de preocupação sentida e a experiência pandémica.

Berg, Burk, Cillessen e Roelofs (2021) verificaram que, em situação pandémica, o suporte social se relaciona com a saúde mental (stress, ansiedade, depressão), na medida em que quanto maiores os níveis de suporte social, menores os problemas de saúde mental. Também os nossos resultados indicam uma relação significativa entre o suporte social e o stress induzido pela pandemia.

Paykani, Zimet, Esmaili, Khajedaluee e Khajedaluee (2020) também verificaram uma relação entre a vivência da pandemia e o suporte social percebido, sendo que concluíram que este é encorajador no cumprimento da quarentena, mas apenas se providenciado pela família, e é desencorajador se providenciado pelos amigos. Contrariamente, Antonucci (1985) defende que o suporte social fornecido por amigos é tendencialmente mais positivo que o disponibilizado pela família. Os nossos resultados corroboram de uma forma geral estes estudos, na medida em que se verifica que existe uma relação significativa entre o suporte social

percebido e as dificuldades experienciadas em cumprir o distanciamento social requerido na pandemia.

Limitações

Este estudo apresenta algumas limitações. Estas consistem no facto da amostra ser por conveniência, uma vez que se trata de uma amostra recolhida online. Também a falta de heterogeneidade da mesma, tratando-se apenas de mães com um perfil na sua maioria semelhante (casadas e com um grau de escolaridade de nível de ensino superior). A mortalidade experimental foi também ela uma limitação, implicando uma redução significativa na amostra. A falta de estudos psicométricos publicados acerca do CRISIS também constitui uma limitação ao presente estudo. Por fim, tratando-se de um estudo correlacional, não é possível estabelecer conclusões em termos de influências ou causalidade entre as variáveis.

Sugestões para investigação futura

Considerando os resultados obtidos neste estudo e face à ausência de estudos comparativos, seria pertinente explorar as práticas parentais em função do sexo das crianças.

Replicar este estudo com uma amostra de maiores dimensões e mais heterogénea constitui um acrescento muito útil para a ciência. Mais especificamente, seria interessante replicar este estudo com uma amostra que incluía mães e pais, que englobe diferentes culturas, mais faixas etárias relativamente às idades das crianças (eventualmente adolescentes), diferentes meios socioeconómicos e diferentes regiões demográficas.

Após ser verificado neste estudo que existe uma relação entre a pandemia e as práticas parentais, bem como a pandemia e o suporte social percebido, seria interessante avaliar o efeito mediador do COVID-19 na relação entre o suporte social percebido e as práticas parentais. Seria também pertinente avaliar o efeito mediador do suporte social percebido na relação entre a pandemia e as práticas parentais.

Concretizar o presente estudo numa metodologia longitudinal, comparando com as restantes quarentenas existentes até ao momento, seria também uma excelente investigação a concretizar futuramente.

Relembrando alguns programas sociais em comunidades locais com o intuito de promoção de melhorias nas redes de suporte social, seria um estudo da maior pertinência a implementação de um programa idêntico, numa vertente pós-COVID-19, em que se avaliaria as alterações (em termos longitudinais) não só no suporte social percebido, como nas práticas parentais.

Considerando que no presente estudo se verificou que o suporte social percebido se relaciona com as dificuldades em cumprir o distanciamento social requerido em contexto de pandemia, um futuro estudo pertinente seria averiguar se existem diferenças entre as fontes do suporte social percebido (família ou amigos).

Considerações finais

Os estudos acerca das práticas parentais são de relevância crucial devido ao seu impacto no desenvolvimento das crianças (p.e. Belsky & Haan, 2011). Neste sentido, através do contributo do modelo integrativo dos estilos parentais de Darling e Steinberg (1993), conseguimos compreender melhor o modo como as práticas parentais se podem relacionar com o desenvolvimento da criança.

Através deste modelo integrativo de Darling e Steinberg (1993), bem como do modelo ecológico do desenvolvimento humano de Bronfenbrenner (2009) conseguimos compreender a relevância do suporte social nas práticas parentais. Neste sentido surge a segunda grande variável em estudo na presente dissertação, sendo esta melhor compreendida com os estudos de Cochran e Niego (2002), entre outros autores, que afirmam que a rede de suporte social afeta as práticas parentais.

Este é um contributo importante para a investigação acerca destas temáticas ainda pouco exploradas, e ainda com ausência de estudos com crianças Portuguesas. Desta forma, para além de enfatizar a relevância e utilidade das teorias supracitadas, contribuiu para compreender esta problemática á luz de variáveis contextuais que são relevantes no desenvolvimento infantil das crianças em idade pré-escolar, sendo este estudo útil para a prevenção e intervenção neste

âmbito, e que eventualmente poderá ajudar na compreensão daquilo que são os fatores protetores e de risco do suporte social percebido, e deixando em aberto a ideia da relevância da promoção do suporte social nas famílias através de programas de intervenção que visem o melhoramento das práticas parentais e, conseqüentemente, a promoção do desenvolvimento infantil.

Todas estas temáticas são ainda mais enaltecidas na sua relevância quando se insere a terceira grande variável em estudo na presente dissertação, a pandemia COVID-19. Esta constitui um enorme desafio de relacionamento e socialização nas famílias portuguesas, tendo sido sentidas associações entre a experiência pandémica e o suporte social percebido, assim como entre a experiência pandémica e as práticas parentais. Neste sentido, poderá ser útil desenvolver algumas estratégias para ajudar as famílias a reduzirem o impacto das dificuldades sentidas na pandemia, tanto a nível da psicoeducação no âmbito das práticas parentais, como a nível da intervenção no suporte social percebido que tende a ser afetado no contexto pandémico.

Referências bibliográficas

- Antonucci, T. C. (1985). Personal characteristics, social networks and social behavior. In R. H. Binstock & E. Shanas (Eds.), *Handbook of aging and the social sciences* (pp. 94-128). New York: Van Nostrand Reinhold.
- Ayala-Nunes, L., Nunes, C., & Lemos, I. (2016). Social support and parenting stress in at-risk Portuguese families. *Journal of Social Work, 17*(2), 207-225. doi:10.1177/1468017316640200
- Baldwin, A. L. (1955). *Behavior and development in childhood*. New York: Dryden Press.
- Baldwin, A. L., Kalthorn, J., & Breese, F. H. (1945). Patterns of parent behavior. *Psychological Monographs, 58*(3), 284-291. <https://doi.org/10.1037/h0093566>
- Bareket-Bojmel, L., Shahar, G., Abu-Kaf, S., & Margalit, M. (2021). Perceived social support, loneliness, and hope during the COVID-19 Pandemic: Testing a mediating model in the UK, USA, and Israel. *The British journal of clinical psychology, 60*(2), 133–148. <https://doi.org/10.1111/bjc.12285>

- Bargh, J. A. (1997). The automaticity of everyday life. In R. S. Wyer, Jr. (Ed.), *The automaticity of everyday life: Advances in social cognition* (pp. 1–61). Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Barton, K., Dielman, T. &, Cattell, R. (1986). Prediction of Objective Child Motivation Test Scores from Parent's Reports of Child-rearing Practices. *Psychological Reports*, 59, 343-352.
- Baumrind, D. (1967). Child care practices anteceding three patterns of preschool behavior. *Genetic Psychology Monographs*, 75(1), 43–88.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology*, 4(1, Pt.2), 1–103. <https://doi.org/10.1037/h0030372>
- Becker, W. C. (1964). Consequences of different kinds of parental discipline. In M. L. Hoffman & L. Hoffman (Eds.), *Review of child development research* (pp. 169-208). Chicago: University of Chicago Press.
- Belle, D. (1982). Social Ties and Social Support. In D. Belle (Ed.), *Lives and Stress: Women and depression* (pp. 133-144). Beverly Hills, CA: Sage.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development*, 55(1), 83–96. <https://doi.org/10.2307/1129836>
- Belsky, J., & Barends, N. (2002). Personality and parenting. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Being and becoming a parent* (pp. 415–438). Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Belsky, J., Crnic, K., & Woodworth, S. (1995). Personality and parenting: Exploring the mediating role of transient mood and daily hassles. *Journal of Personality*, 63(4), 905–929. <https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.1995.tb00320.x>
- Belsky, J., & Haan, M. (2011). Annual research review: Parenting and children's brain development: The end of the beginning. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 52, 409–428.
- Belsky, J., & Pluess, M. (2009). The nature (and nurture?) of plasticity in early human development. *Perspectives on Psychological Science*, 4, 345–351.
- Belsky, J., Steinberg, L., & Draper, P. (1991). Childhood experience, interpersonal development, and reproductive strategy: An evolutionary theory of socialization. *Child Development*, 62(4), 647–670. <https://doi.org/10.2307/1131166>

- Bjorklund, D. F., Younger, J. L., & Pellegrini, A. D. (2002). The Evolution of Parenting and Evolutionary Approaches to Childrearing. In M. H. Bornstein (Eds.), *Handbook of Parenting* (pp. 3-30). London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Bronfenbrenner, U. (2009). Ecological Models of Human Development. In M. Gauvain, & M. Cole (Eds.), *Readings on the Development of Children* (pp. 14-19). United States of America: Worth Publishers
- Byrd, A. L., & Manuck, S. B. (2014). MAOA, childhood maltreatment, and antisocial behavior: Meta-analysis of a gene–environment interaction. *Biological Psychiatry*, *75*, 9–17.
- Cobb, S. (1976). Social support as a moderator of life stress. *Psychosomatic Medicine*, *38*(5), 300–314. <https://doi.org/10.1097/00006842-197609000-00003>
- Cochran, M. (1990). Factors influencing personal social initiative. In M. Cochran, M. Larner, D. Riley, L. Gunnarsson, & C. Henderson, Jr. (Eds.), *Extending families: The social networks of parents and their children* (pp. 297-306). London/New York: Cambridge University Press.
- Cochran, M. (1991). Personal social networks as a focus of support. *Prevention in Human Services*, *9*(1), 45–67. https://doi.org/10.1300/J293v09n01_03
- Cochran, M. M., & Brassard, J. A. (1979). Child development and personal social networks. *Child Development*, *50*(3), 601–616. <https://doi.org/10.2307/1128926>
- Cochran, M., & Gunnarsson, L. (1990). The social networks of married mothers in four cultures. In M. Cochran, M. Larner, D. Riley, L. Gunnarsson & C. Henderson, Jr. (Eds.), *Extending families: The social networks of parents and their children* (pp. 86-104). London/New York: Cambridge University Press.
- Cochran, M., & Niego, S. (2002). Parenting and Social Networks. In M. H. Bornstein (Eds.), *Handbook of Parenting*, *4*(6) (pp. 123-148). London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Colletta, N. (1981). Social support and the risk of maternal rejection by adolescent mothers. *Journal of psychology*, *109*, 191-197.
- Connell, C. M., & Strambler, M. J. (2021). Experiences with COVID-19 stressors and parents' use of neglectful, harsh, and positive parenting practices in the Northeastern United States. *Child maltreatment*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1177/10775595211006465>
- Crockenberg, S. (1988). Social support and parenting. In W. Fitzgerald, B. Lester, & M. Yogman (Eds.), *Research on support for parents and infants in the postnatal period* (pp. 67-92). New York: Ablex.

- Cross, W. (1990). Race and ethnicity: Effects on social networks. In M. Cochran, M. Larner, D. Riley, L. Gunnarsson, & C. Henderson, Jr. (Eds.), *Extending families: The social networks of parents and their children* (pp. 67-85). London/New York: Cambridge University Press.
- Cudaback, D. J., Dickinson, N. S., & Wiggins, E. S. (1990). Parent Education by Mail. *Families in Society*, 71(3), 172-175. doi:10.1177/104438949007100306
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113(3), 487-496. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.113.3.487>
- Dielman, T. E., & Cattell, R. B. (1972). The prediction of behavior problems in 6- to 8-year-old children from mothers' reports of child-rearing practices. *Journal of Clinical Psychology*, 28(1), 13-17. [https://doi.org/10.1002/1097-4679\(197201\)28:1<13::AID-JCLP2270280105>3.0.CO;2-2](https://doi.org/10.1002/1097-4679(197201)28:1<13::AID-JCLP2270280105>3.0.CO;2-2)
- Eagly, A. H. (1992). Uneven progress: Social psychology and the study of attitudes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 63(5), 693-710. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.63.5.693>
- Eisenstadt, J. W., & Powell, D. R. (1987). Processes of participation in a mother-infant program as modified by stress and impulse control. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 8(1), 17-37.
- Fischer, C. (1982). *To dwell among friends: Personal networks in town and city*. Chicago: University of Chicago Press.
- Freitas, M. G. G. (2020). Comunicado: Caso de COVID-19 identificado em doente que esteve no Norte de Portugal. In *Direção Geral de Saúde, Portugal*.
- Garbarino, J. (1977). The human ecology of child maltreatment: A conceptual model for research. *Journal of Marriage and the Family*, 39, 721-735.
- Giovannoni, J. M., & Billingsley, A. (1970). A child neglect among the poor: A study of parental adequacy in families of three ethnic groups. *Child Welfare*, 49, 196-204.
- Gunnarsson, L., & Cochran, M. (1990). The social networks of single parents: Sweden and the United States. In M. Cochran, M. Larner, D. Riley, L. Gunnarsson & C. Henderson, Jr. (Eds.), *Extending families: The social networks of parents and their children* (pp. 105-116). London/New York: Cambridge University Press.

- Harrison, K. (1997). Parental Training for Incarcerated Fathers: Effects on Attitudes, Self-Esteem, and Children's Self-Perceptions. *The Journal of Social Psychology, 137*(5), 588-593. <https://doi.org/10.1080/00224549709595480>
- Hawkes, G. R., Burchinal, L. G., & Gardner, B. (1957). Pre-adolescents' views of some of their relations with their parents. *Child Development, 28*, 393-399.
- Heinicke, C. M. (1984). Impact of prebirth parent personality and marital functioning on family development: A framework and suggestions for further study. *Developmental Psychology, 20*(6), 1044-1053. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.20.6.1044>
- Hess, R., Shipman, V., Brophy, J., & Bear, R. (1968). *The cognitive environments of urban preschool children*. Unpublished paper, University of Chicago, Graduate School of Education.
- Holden, G. W., & Buck, M. J. (2002). Parental Attitudes Toward Childrearing. In M. H. Bornstein (Eds.), *Handbook of Parenting* (pp. 537-562). London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Holmes, H. (2002). *Narcisismo*. Coimbra: Almedina.
- Homel, R., Burns, A., & Goodnow, J. (1987). Parental Social Networks and Child Development. *Journal of Social and Personal Relationships, 4*(2), 159-177. <https://doi.org/10.1177/0265407587042004>
- Horney, K. (1933). Maternal conflicts. *American Journal of Orthopsychiatry, 3*(4), 455-463. <https://doi.org/10.1111/j.1939-0025.1933.tb06267.x>
- Jarego, M., Pimenta, F., Pais-Ribeiro, J., Costa, R., Patrão, I., Coelho, L., & Ferreira-Valente, A. (2021). How are the Portuguese coping with the mandatory confinement by COVID-19? Association between mental health and coping strategies. Trabalho apresentado no *Conference: European Psychiatric Association Virtual 2021*. <https://doi.org/10.13140/RG.2.2.29844.12169>
- Jones, W. H. (1985). The psychology of loneliness: Some personality issues in the study of social support. In I. G. Sarason & B. R. Sarason (Eds.), *Social support: Theory, research, and applications* (pp. 225-241). Dordrecht, the Netherlands: Martinus Nijhoff.
- Jones, D., Rickel, A., & Smith, R. (1980). Maternal Child-Rearing Practices and Social Problem-Solving Strategies among Preschoolers. *Developmental Psychology, 16*(3), 241-242.
- Larner, M. (1990). Change in network resources and relationships over time. In M. Cochran, M. Larner, D. Riley, L. Gunnarsson & C. Henderson, Jr. (Eds.), *Extending families: The*

- social networks of parents and their children* (pp. 181-204). London/New York: Cambridge University Press.
- Levy, D. M. (1943). Hostility patterns: Deviations from the "unit act" of hostility. *American Journal of Orthopsychiatry*, *13*(3), 441–461. <https://doi.org/10.1111/j.1939-0025.1943.tb06012.x>
- Losoya, S. H., Callor, S., Rowe, D. C., & Goldsmith, H. H. (1997). Origins of familial similarity in parenting: A study of twins and adoptive siblings. *Developmental Psychology*, *33*(6), 1012–1023. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.33.6.1012>
- Luo, M., Guo, L., Yu, M., Jiang, W., & Wang, H. (2020). The psychological and mental impact of coronavirus disease 2019 (COVID-19) on medical staff and general public - A systematic review and meta-analysis. *Psychiatry research*, *291*, 113-190. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2020.113190>
- Maguire-Jack, K., & Wang, X. (2016). Pathways from neighborhood to neglect: The mediating effects of social support and parenting stress. *Children and Youth Services Review*, *66*, 28-34.
- Makosky, V. (1982). Sources of stress: Events or conditions?. In D. Belle (Ed.), *Lives and Stress: Women and depression* (pp. 35-54). Beverly Hills, CA: Sage.
- Matvienko-Sikar, K., Pope, J., Cremin, A., Carr, H., Leitao, S., Olander, E. K., & Meaney, S. (2020). Differences in levels of stress, social support, health behaviours, and stress-reduction strategies for women pregnant before and during the COVID-19 pandemic, and based on phases of pandemic restrictions, in Ireland. *Women and birth: journal of the Australian College of Midwives*, S1871-5192(20)30367-X. Advance online publication. <https://doi.org/10.1016/j.wombi.2020.10.010>
- Miller, P. C., Shim, J. E., & Holden, G. W. (1998). Immediate contextual influences on maternal behavior: Environmental affordances and demands. *Journal of Environmental Psychology*, *18*, 387-398.
- Morelli, M., Cattelino, E., Baiocco, R., Trumello, C., Babore, A., Candelori, C., & Chirumbolo, A. (2020). Parents and Children During the COVID-19 Lockdown: The Influence of Parenting Distress and Parenting Self-Efficacy on Children's Emotional Well-Being. *Frontiers in psychology*, *11*, 584645. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.584645>
- Patterson, G. R., DeBaryshe, B. D., & Ramsey, E. (1989). A developmental perspective on antisocial behavior. *American Psychologist*, *44*(2), 329–335. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.44.2.329>

- Paykani, T., Zimet, G. D., Esmaili, R., Khajedaluae, A. R., & Khajedaluae, M. (2020). Perceived social support and compliance with stay-at-home orders during the COVID-19 outbreak: evidence from Iran. *BMC public health*, 20(1), 1650. <https://doi.org/10.1186/s12889-020-09759-2>
- Pearson, G. H. J. (1931). Some early factors in the formation of personality. *American Journal of Orthopsychiatry*, 1(3), 284–291. <https://doi.org/10.1111/j.1939-0025.1931.tb04822.x>
- Polansky, N. A., Gaudin, J. M., Ammons, P. W., & Davis, K. B. (1985). The psychological ecology of the neglectful mother. *Child Abuse & Neglect*, 9(2), 265–275. [https://doi.org/10.1016/0145-2134\(85\)90019-5](https://doi.org/10.1016/0145-2134(85)90019-5)
- Ren, J., Li, X., Chen, S., Chen, S., & Nie, Y. (2020). The Influence of Factors Such as Parenting Stress and Social Support on the State Anxiety in Parents of Special Needs Children During the COVID-19 Epidemic. *Frontiers in psychology*, 11, 565393. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.565393>
- Rickel, A., & Biasatti, L. (1982). Modification of the Block Child Rearing Practices Report. *Journal of Clinical Psychology*, 38(1), 129-134. doi: 10.1002/1097-4679(198201)38:1<129::AID-JCLP2270380120>3.0.CO;2-3
- Sarason, I. G., & Sarason, B. R. (1985). Social support: Insights from assessment and experimentation. In Sarason, I. G., & Sarason, B. R. (Ed.), *Social support: Theory, research and applications* (pp. 39-50). Washington: Martinus Nijhoff Publishers.
- Schaefer, E. S. (1959). A circumplex model for maternal behavior. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, 59(2), 226–235. <https://doi.org/10.1037/h0041114>
- Spinelli, M., Lionetti, F., Pastore, M., & Fasolo, M. (2020). Parents' Stress and Children's Psychological Problems in Families Facing the COVID-19 Outbreak in Italy. *Frontiers in psychology*, 11, 1713. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.01713>
- Steinberg, L., Lamborn, S. D., Dornbusch, S. M., & Darling, N. (1992). Impact of parenting practices on adolescent achievement: Authoritative parenting, school involvement, and encouragement to succeed. *Child Development*, 63(5), 1266–1281. <https://doi.org/10.2307/1131532>
- Symonds, P. W. (1939). *The psychology of parent-child relationships*. New York: Appleton-Century.
- Szkody, E., Stearns, M., Stanhope, L., & McKinney, C. (2020). Stress-Buffering Role of Social Support during COVID-19. *Family process*, 10.1111/famp.12618. Advance online publication. <https://doi.org/10.1111/famp.12618>

- Taylor, Z. E., Conger, R. D., Robins, R. W., & Widaman, K. F. (2015). Parenting Practices and Perceived Social Support: Longitudinal Relations with the Social Competence of Mexican-origin Children. *Journal of Latina/o psychology*, 3(4), 193–208. <https://doi.org/10.1037/lat0000038>
- Tupes, E. C., & Christal, R. E. (1992). Recurrent personality factors based on trait ratings. *Journal of Personality*, 60(2), 225–251. <https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.1992.tb00973.x>
- Van den Berg, Y., Burk, W. J., Cillessen, A. H. N., & Roelofs, K. (2021). Emerging adults' mental health during the COVID-19 pandemic: A prospective longitudinal study on the importance of social support. *Advance online publication*.
- Weinert, C., & Brandt, P. (1987). Measuring social support with the Personal Resource Questionnaire. *Western Journal of Nursing Research*, 9(4), 589-602.
- Weinraub, M., Horvath, D. L., & Gringlas, M. B. (2002). Single Parenthood. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of Parenting*, 3(4) (pp. 109-140). London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Wellman, B. (1981). Applying network analysis to the study of support. In B. H. Gottlieb (Ed.), *Social networks and social support*. Beverly Hills, CA: Sage.
- World Health Organization. (2020). What is COVID-19. [On-line]. Recuperado de: https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/coronavirus-disease-answers?gclid=CjwKCAjwoNuGBhA8EiwAFxomAzK05gWaq5g30tsgak4krPn_wsY3xFvVnhhHsB_BDlv5yktQMdG99RoC3cgQAvD_BwE&query=what+is+covid19&referrerPageUrl=https%3A%2F%2Fwww.who.int%2Femergencies%2Fdiseases%2Fnovel-coronavirus-2019%2Fcoronavirus-disease-answers
- Zelkowitz, P. (1982). Parenting philosophies and practices. In D. Belle (Ed.), *Lives and Stress: Women and depression* (pp. 154-162). Beverly Hills, CA: Sage.

